

O parque

MEL GEVE | M.R. SILVA | DRIELY MEIRA | TIAGO VALENTE

DIOGO MARINS LOCCI | JOÃO PAULO HERGESEL

O parque

antologia de contos juvenis

(por escritores paulistas nascidos na década de 1990)

Organizado por:

João Paulo Hergesel



EDITORA JOGO DE PALAVRAS

“Aspas”: copyright © 2018 by Mel Geve
“Abandonados”: copyright © 2018 by M.R. Silva
“Unicórnios”: copyright © 2018 by Driely Meira
“Sonho de uma tarde de inverno”: copyright © 2018 by Tiago Valente
“Não se volta da Terra de Enurese”: copyright © 2018 by Diogo Marins Locci
“Milk-shake de amora”: copyright © 2018 by João Paulo Hergesel

Organização João Paulo Hergesel
Revisão João Paulo Hergesel & Maria Raquel Silva
Diagramação Maria Raquel Silva
Capa Felix Mittermeier & OpenClipart-Vectors
Prefácio Larissa Siriani

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

P257

O parque: antologia de contos juvenis (por escritores paulistas nascidos na década de 1990) / Mel Geve... [et al.]; organização: João Paulo Hergesel. – 1. ed. – Alumínio: Jogo de Palavras, 2018. 120 p.

ISBN 978-85-66626-28-5 (versão física).

ISBN 978-85-66626-29-2 (versão digital).

1. Literatura brasileira. 2. Literatura juvenil. 3. Contos juvenis.

I. Título.

CDD: 808.899283 | CDU: 82-93

1.^a edição

Impresso no Brasil

Todos os direitos desta edição reservados à



Editora Jogo de Palavras
www.jogodepalavras.com

APRESENTAÇÃO

Os autores deste livro não se conheceram em um parque de diversões; ninguém pagou ingresso para andar neste brinquedo de papel; mas, como em um bate-bate, um cruzou o caminho do outro de alguma forma – e todos estacionaram seus carros em meu destino. Quando me veio a ideia de organizar esta antologia, os nomes vieram pulando igual pipoca quentinha distribuída gratuitamente em dia de inauguração.

As Marias desta obra, que chamamos carinhosa e artisticamente de Mel Geve (Maria Eugênia) e M.R. Silva (Maria Raquel), são amigas virtuais desde o tempo em que a única forma de conexão era a internet discada e que escrever livros era um sonho distante. Fazíamos parte do mesmo grupo literário nas redes sociais, o clássico Nossos Romances Adolescentes – NRA, que ainda existe e rende comentários na imprensa nacional.

De um modo mais tradicional, conheci a Driely Meira: por meio de uma entrevista dela no jornal da cidade. Somos conterrâneos desde sempre, temos o mesmo sobrenome e supostamente sejamos primos em algum grau infinito, mas não havíamos nos esbarrado até então. Depois de alguns eventos culturais no município e das visitas de um na página virtual do outro, acabamos estendendo nosso nível de afeto.

O Diogo Marins Locci e eu nos tropeçamos quando fomos assinar um contrato na Secretaria da Cultura do Governo do Estado de São Paulo. Tanto ele como eu havíamos nos classificado nos editais do ProAC – Programa de Ação Cultural, mas nosso diálogo se restringiu ao silêncio de nos cumprimentarmos com sorrisos obrigatórios. Minha curiosidade congênita, no entanto, fez com que eu buscasse a lista de premiados de todos os editais literários e pesquisar nome a nome até localizá-lo.

Já o Tiago Valente foi uma companhia inesperada que dividiu espaço comigo em um processo seletivo para trabalhar na Rede Globo. A vaga era de estágio no acervo da empresa, digitalizando arquivos e elaborando sinopses para os documentos audiovisuais. Nenhum dos dois

conseguiu ser contratado (e eu respirei aliviado por não precisar mudar drasticamente minha rotina profissional), mas mantivemos contato e muitos interesses em comum: Literatura, Teatro, Cinema, Televisão e a obsessão pela escrita.

Paixão comum a nós seis, a Literatura Juvenil serviu como campo para esta experimentação que batizamos de *O parque*. Inicialmente, tudo foi permitido – amor, aventura, fantasia, mistério – desde que fosse direcionado à faixa etária dos 13 aos 17 anos e tivesse um parque de diversões como ambientação principal das narrativas. O resultado do trabalho (enfaticamente voluntário) desses amigos superou minhas expectativas.

Acredito que *O parque* é uma amostra relevante de que a Literatura Juvenil nacional, movimentada por artistas igualmente jovens, tem valor literário e potencial para criar laços afetivos. Em caráter mais restrito, já é possível afirmar que a literatura paulista contemporânea vem sendo muito bem representada, com escritores entusiastas que dialogam diretamente com o contexto linguístico, cultural, histórico e social de seu público-alvo.

Seja bem-vindo a este parque de diversões que está com as catracas liberadas para visitantes de todas as idades, sobretudo os adolescentes. Reconstrua seus sentimentos com o Dirceu, explore ambientes abandonados com a turma do Alberto e assuste-se com unicórnios chamuscantes. Ajude Caio a encontrar um diamante, torça para que Ney sobreviva aos desafios que lhe são dados e descubra se Yuri conseguiu finalmente beijar na boca. Você é nosso convidado especial!

Outono de 2018,

João Paulo Hergesel

PREFÁCIO

Eu ainda me lembro da primeira vez em que andei em uma montanha-russa. Sempre tive pânico de altura, então comecei por um brinquedo coberto, onde a sensação da velocidade compensava a falta de visão. Lembro do coração batendo forte enquanto entrava no carrinho, dos gritos que dei quando senti a primeira queda, de segurar a mão do garoto de quem eu gostava quando senti medo de cair no desconhecido.

Muitos anos depois, me vi encarando o mesmo medo de novo, dessa vez em um brinquedo maior e mais rápido, quando realizei o antigo sonho de ir à Disney. Estava longe de superar meu medo de altura, mas decidi que, já que estava ali, iria até o fim. Segurei na mão de um estranho e gritei como se fosse a primeira vez. Tive muitas primeiras vezes de novo e de verdade naquele dia, e lembro de todas elas como se tivessem acabado de acontecer.

Todo mundo tem uma história boa para contar em um parque. Seja no *playground* do prédio, no parquinho simples da esquina ou em algum grande parque de diversões, todos nós já passamos pelo colorido das luzes do carrossel, pelo suor frio de encarar a subida do elevador ou por aqueles segundos de deleite quando se vê o mundo do topo da roda gigante. Relacionamentos começam e às vezes terminam entre os brinquedos, amizades se fortalecem e ficam marcadas para sempre. E, por mais que a gente vá várias vezes seguidas, aquela emoção e a ansiedade de redescobrir cada atração nunca passa. É como os altos e baixos das montanhas-russas; nós nunca nos acostumamos totalmente com a queda.

As próximas páginas estão recheadas desses sentimentos. Nossos personagens desbravarão o desconhecido, enfrentarão os próprios medos, irão despedir-se do passado e abraçarão até os mais improváveis futuros. Assim como na vida, eles também têm muita história para contar entre os muros dos parques de diversão. Talvez você, como eu, também se reconheça em alguns desses lugares, em muitas dessas histórias, e queira visitar cada parque na companhia desses novos amigos. E, quem sabe,

como eu, visite — pois que maneira mais fácil de se aventurar pelo novo do que com um bom livro?

Então se acomode e relaxe. Mantenha braços e pernas dentro do carrinho durante todo o percurso. Segure firme seu livro para que ele não escape nas curvas e balanços da atração. Se precisar de uma pausa para respirar, basta fechar estas páginas. As subidas e descidas a seguir são perfeitamente seguras, e, tenho certeza, quando o caminho acabar, você também vai pedir para dar mais uma volta.

Boa diversão!

Larissa Siriani

Nascida em 7 de maio de 1992, Larissa Siriani é uma paulistana que nunca fez a menor ideia do que queria fazer da vida, até começar a escrever. Realimentando o sonho de infância, começou por contos e pequenos livros, e então deu lugar a histórias cada vez maiores, até decidir que queria realmente ser escritora. Vive na mesma casa em que sempre viveu com os pais, dois irmãos mais velhos e três cachorros, é formada em Cinema e sonha em viajar o mundo, conhecer seu príncipe encantado e encabeçar a lista de *best-sellers* (não necessariamente nessa ordem).

SUMÁRIO

Aspas MEL GEVE	11
Abandonados M.R. SILVA	27
Unicórnios DRIELY MEIRA	57
Sonho de uma tarde de inverno TIAGO VALENTE	69
Não se volta da Terra de Enurese DIOGO MARINS LOCCI	91
Milk-shake de amora JOÃO PAULO HERGESEL	105

Aspas

MEL GEVE

“– Eu não consigo acreditar na minha incompetência, Ceu, não consigo – ela resmungou, negando enfaticamente com a cabeça, enquanto segurava as barras de proteção do brinquedo, seu cabelo escuro balançando de um lado para o outro durante o protesto. – Que ideia horrível foi essa de vir a um parque de diversões sem antes pesquisar o número de mortes por acidente daqui? Hein?!”

Ceu deu uma risada nervosa.

Ele sinceramente esperava que seu riso soasse descontraído e tranquilo como costumava ser, mas a verdade é que Marília tinha sido mesmo incompetente ao não buscar aquela estatística *antes* de eles entrarem no brinquedo mais adrenalínico do lugar.

Na verdade, era pior ainda! Ela podia não ter feito a pesquisa, tudo bem. Isto não seria um problema por si só. A ignorância é uma bênção, afinal. A questão era não fazer a pesquisa e *avisar que não tinha feito a pesquisa*, chamando atenção para o perigo de morte que corriam naquele momento, sem que tivessem tempo hábil de reagir.

Porque as barras ‘de segurança’ (tá bom, *de segurança*, sim) já estavam abaixadas e o brinquedo começava a girar lentamente para a esquerda. Não havia para onde fugir.

– Isso claramente não é seguro. Ah, meu deus, Ceu, a gente vai morrer. É isso. É o fim. Quais as chances de um parquezinho de diversões genérico no sertão paulista atender às diretrizes de segurança da Organização Mundial dos Parques de Diversão? – Ela tagarelava sem parar.

Clássico comportamento de Marília.”

E o sutil fechar de aspas trouxe Dirceu de volta para a realidade, onde uma lembrança feliz conseguia ser terrivelmente dolorida.

Aquele poderia ser o mesmo dia de sol de uma pacata quarta-feira de férias, mas dessa vez ele estava sozinho. “Sozinho”, no mais amplo sentido da palavra: desacompanhado, a sós, independente... Carente, solitário e, é claro, solteiro.

Afinal, fazia seis meses que Marília tinha ido embora e ele ainda não estava lá muito bem.

Claro que, em oposição a “mal”, onde “mal” significaria “deitado em posição fetal em sua cama, chorando em profusão, em greve de fome, ouvindo áudios antigos do WhatsApp enquanto a via ficar on-line e off-line no aplicativo”, ele estava *ótimo*.

Eufórico.

Um unicórnio vomitando um arco-íris de felicidade.

Mas ainda era difícil aceitar que uma pessoa que fizera parte de sua vida por tanto tempo tinha decidido ir embora assim, sem mais nem menos. “Preciso colocar minha vida em ordem, e sei que preciso fazer isso sozinha”, ela justificou – mas aquela era a justificativa mais genérica e vazia que ele já tinha ouvido em todos os seus vinte e poucos anos de existência.

Parecia extraída de um livro de autoajuda de banca de jornal. Ela nem tinha se dado ao trabalho de ler um livro de autoajuda de qualidade, pelo amor de Deus.

De todo modo, Dirceu estava determinado – muito determinado – a se recuperar do coração partido.

Seu melhor amigo já tinha dito que *querer melhorar* era o primeiro passo.

Muitas pessoas entravam no modo “poeta brasileiro na segunda fase do Romantismo” e ficavam metaforicamente chorando pela amada em cemitérios, enquanto torciam por uma morte bem dramática causada por uma tuberculose trevorosa aos vinte e três anos.

Ceu não era assim. Ele tinha seguido à risca a lista de Dez Medidas Emergenciais Pós-Término para ser içado para fora do fundo do poço e aquilo tinha dado mais ou menos certo.

Depois, mudou toda a sua rotina, cada um de seus hábitos e caminhos, porque Marília podia sair da sua vida, mas parecia impossível tirar a sua vida de Marília.

Sua namorada estava nos fuscas que passavam pelas ruas; em todos os schnauzers simpáticos e rabugentos que cruzavam seu caminho; nos salgadinhos de baixíssima qualidade que não passavam de isopor com corante, mas ela adorava; nas horas iguais do relógio; nos restaurantes japoneses; nas batatas fritas pequenininhas e crocantes; nas melhores poltronas do cinema (eles tinham descoberto juntos que a melhor fileira era a primeira do meio, porque tinha onde apoiar o pé); em citações de desenhos animados; e até quando a droga do seu céu-da-boca coçava, porque de algum jeito que Dirceu jamais descobriria qual era, Marília sempre conseguia adivinhar que isso estava acontecendo.

Ceu foi obrigado a se reinventar.

Era difícil, mas plausível, e era a desculpa perfeita para a “evolução espiritual” que ele estava adiando há tempos.

Dirceu virou outra pessoa, mas ignorava religiosamente todos os lugares especiais que lembravam Marília. E depois de tanto tempo de namoro, “todos os lugares especiais” consistiam em, basicamente, “todos os lugares”.

Ele evitava comer em seus restaurantes favoritos, ir ao cinema, passear no parque, fazer certos caminhos, comprar em determinadas lojas, e andar por calçadas específicas porque elas passavam na frente de pontos de referência do namoro.

Era um saco, mas surpreendentemente efetivo.

Até que um dia, o tal do melhor amigo disse que ele precisava colocar em prática o segundo passo do processo de superação, muito elegantemente nomeado “Remijação”.

‘É, cara, você não pode permitir que a Marília se apodere de todos os lugares dessa cidade, sabe? Ela fica assombrando a sua vida e isso não é justo. Nem com você, nem com ela. Você precisa... remijar. Feito um cachorro mesmo, que marca território todo dia fazendo xixi nos postes certos. Ir até os restaurantes, cinemas, etc.; construir novas memórias e falar: ESSE RESTAURANTE É MEEEEEU! VOCÊ NÃO VAI TIRÁ-LO DE MIM!’

E era isso que Dirceu tinha feito nas últimas semanas.

No começo, foi muito esquisito.

O restaurante japonês favorito dos dois continuava rigorosamente igual, com o mesmo garçom eufórico, que passava a impressão de que atender aquelas mesas era o trabalho mais sensacional do mundo. Os mesmos sushis incrementados, a mesma decoração... E todas as pessoas pareciam alheias à aberração que era estar lá sem a Marília.

A ordem natural do universo tinha sido subvertida e ninguém parecia perceber – só Dirceu. Ou talvez, o restaurante fosse só um restaurante, com ou sem Marília, e o universo não tivesse nada a ver com isso.

Finalmente, o único lugar que ainda precisava ser remijado era a droga do parque de diversões.

Dirceu tinha o deixado propositalmente por último por vários motivos, que iam desde a logística complicada de chegar lá, até o fato de que ele nunca tinha ido sem Marília e a ideia de estar lá sozinho era perturbadora.

Estar ali, por si só, era um grande gatoilho.

Os gritos empolgados das crianças saltitantes abriam as aspas que seu cérebro lutava tão bravamente para evitar:

“– Ceu! E se a gente morrer? Tipo, sério. E se a gente morrer *de verdade*? – Marília perguntou enquanto o brinquedo começava a ganhar altura e girar para lá e para cá.

– Ué, morreu, morreu. Não tem o que fazer.

– Mas como as pessoas vão ficar sabendo?

– É isso que te preocupa? Vai sair no noticiário.

– Você não acha horrível que sua mãe descubra que você morreu pelo William Bonner? E tipo, quem viria buscar o corpo?

– Linda, é um *parque de diversões*. A ideia é que você *se divirta* – Dirceu tentou argumentar, ainda que soubesse do quão inútil era discutir com Marília quando ela engatilhava naquele tipo de raciocínio.

– Mas eu não estou me divertindo – ela reclamou, forçando o corpo contra as barras de proteção para conseguir olhar para o namorado e sorrir para ele, porque tudo não passava de uma brincadeira. – Estou contemplando minha morte. Quais são suas últimas palavras?

– Senta direito!

O brinquedo deu um tranco e ela começou a gritar (Marília era muito previsível).

Indo para o parque, ela tinha apostado que não gritaria em nenhum momento porque aquilo era ‘coisa de criança’ e ela era *super madura*, mas os dois sabiam que não existia a mais remota possibilidade de Marília vencer.

O problema é que o brinquedo girava no próprio eixo, enquanto fazia um movimento pendular exagerado que claramente não estava em conformidade com as diretrizes de segurança da Organização Mundial dos Parques de Diversão.

Em um momento, o céu estava na ponta de seu nariz, mas, segundos depois, Ceu parecia prestes a dar de cara com o chão e isso era desesperador.

Ou, como as pessoas normais costumam dizer, *divertido*.

E então ele fechou os olhos.

Foi o maior erro de todos os tempos, pois não ver onde era céu e onde era chão aumentou drasticamente seus níveis de tontura e o deixou totalmente desorientado, enjoado”, perdido, sem rumo.

Solteiro.

Estar sem a Marília era muito parecido com estar de olhos fechados no brinquedo que ele observava a distância. Ela sempre tinha sido seu referencial e agora, sozinho, era difícil diferenciar céu e chão.

Mas ele estava se saindo super bem, e todos estavam orgulhosos de seu progresso.

Era perturbador como as aspas se abriam e fechavam sem pedir permissão em sua mente naquele parque. Não era tão difícil controlá-las na cidade, mesmo quando ele estava imerso em um daqueles dias péssimos de saudade. Mas ali dentro? Impossível.

“– Não feche os olhos dessa vez, seu tonto! – ela prescreveu com o dedo indicador apontado em sua direção e um sorriso enorme nos lábios. – Não sei se vou continuar te amando se você vomitar em mim.

– Marília, você me vai amar pra sempre – Dirceu respondeu revirando os olhos e apertando a sua mão por entre as barras de segurança da montanha-russa seguinte, uma hora depois, quando ele já estava mais ou menos recuperado. – Poderia vomitar em você *inteira* e não faria diferença.

Ela fez uma careta enjoada e negou com a cabeça enfaticamente, mas deu uma risada meio aborrecida e respondeu:

– Aff, poderia mesmo.

A monitora entediada falava, de dentro da cabine de comando, as instruções de segurança inúteis e previsíveis da montanha-russa. Sua voz soava mecânica e abafada quando era projetada pelas caixas de som velhas do brinquedo.

Tanto Marília quanto Dirceu não se davam ao trabalho de prestar atenção no que era dito, porque não entendiam como ‘manter os pés

dentro do veículo’ pudesse fazer alguma diferença quando o trem desgovernado se soltasse dos trilhos, ou eles ficassem parados de cabeça para baixo no meio do *looping*, ou as barras de segurança se abrissem sozinhas, ou coisa pior.

– Mas prefiro que você não vomite, tá? – Marília pediu. Então, parou de brincar com a aliança em seu dedo anelar e fechou a mão no próprio punho, com medo que os anéis caíssem por causa da violência do brinquedo que finalmente saía do lugar.”

Distraidamente, Dirceu percebeu que seu polegar estava passeando por onde o anel de compromisso costumava ficar – ele ainda tinha o hábito de girá-lo em seu dedo, ainda que ela não estivesse mais ali.

Era a dor fantasma de um membro amputado.

Na verdade, seu dedo era um problema. Por motivos óbvios, ele não conseguira escondê-lo, nem o evitar loucamente (como fizera com as fotos e os lugares). E era uma ideia injusta e escatológica ser obrigado a remijá-lo. Sinceramente, Dirceu nem sabia ao certo como fazer isso – pelo menos entendia que não precisava encontrar todas as respostas para seu coração remendado de uma vez só.

No final das contas, ir ao parque tinha se mostrado uma ótima ideia.

Era saudável ver crianças genéricas e risonhas, preços inflacionados, brinquedos pouco confiáveis e em total desacordo com as diretrizes de segurança da Organização Mundial de Parques de Diversão... porque, pelo visto, o mundo continuava igual, e igualmente divertido, apesar de Marília.

Mas “remijar o parque” significava construir novas lembranças, e até aquele momento Dirceu tinha falhado miseravelmente em sua missão. Afinal, ele tinha permitido que a nostalgia corroesse a dignidade que lhe restava e o *quase progresso* que alcançara até o momento.

Por isso, ele fez questão de começar a se divertir.

Dirceu comeu churros.

Vários. Porque aquele seria “o dia em que teria dor de barriga de tanta fritura com doce de leite”.

Depois, ele foi três vezes ao elevador que sobe, sobe, sobe e cai (“o dia em que foi mil vezes ao mesmo brinquedo porque sim”).

Marília odiava, morria de medo dessas “coisas repentinas”.

“– Não é repentino, linda, você sabe que ele vai cair. Toda vez ele sobe e cai.

– Mas você nunca sabe exatamente quando!

– Quer que a gente cronometre? Aí você pode contar lá de cima. Eu tenho certeza absolutíssima que toda vez demora o mesmo tempo para subir, ficar parado lá em cima no terror psicológico do “*ib, quebrou justo na minha vez*” e depois descer.

– Não, porque não é *esse* o problema.

– Mas aí você saberá quando vai cair!

– O problema é que eu não *vejo* ele caindo. Eu não... sabe? Na montanha-russa, você vê o percurso. No elevador, você não vê a queda, porque ela é pra baixo.

– Isso não faz nenhum sentido, Marília, pelo amor de Deus.

– Não é pra fazer sentido, Dirceu. É pra você aceitar no seu coraçõozinho apaixonado que eu não estou disposta a arriscar nossas vidas nesse elevador horrível. Morro de medo, poxa. Posso morrer de medo?

Dirceu se limitou a assentir como um soldado intimidado pelo coronel.

– Sim, senhora.

– E eu sou super razoável e te falaria para você ir sozinho, claro, mas a sua vida é importante demais pra mim e eu não quero que você morra, então não vai, por favor! Só se você quiser morrer e me deixar aqui, sozinha, nesse mundo frio e cruel. Mas você não quer, né?! – ela brincou, abraçando o namorado pela cintura.”

Mas agora Dirceu estava autorizado a morrer no elevador, porque Marília não estava ali para impedi-lo e aquilo era *ótimo*. Especialmente porque ele sabia que não corria risco de verdade.

Ela que era dramática demais.

Dirceu foi aos brinquedos de terror, ao carrinho de bate-bate, jogou uma partida de *paintball*, invadiu três ou quatro fotos de desconhecidos sem que as pessoas percebessem (“o dia em que fez vários *photoboombings*”), comeu mais um churro e fez amizade com estranhos.

Como de costume, acabou comprando uma capa de chuva inflacionada quando começou a chover, mas isso não o fez ir embora, porque as chuvas naquele parque de diversões eram torrenciais e curtíssimas.

Quando a temperatura desabou e o dia escureceu, ele percebeu que precisava ir embora.

No entanto, não podia fazer isso sem se despedir de mais um brinquedo, justamente daquele que Dirceu tinha deixado para o final de propósito. Era uma montanha-russa de madeira hipervalorizada só por ser “a maior da América Latina”.

Ela não era tão legal assim, mas Marília adorava e eles tinham passado um bom tempo na fila para andar nela da última vez.

Agora, com o parque perto da hora de fechar e depois de uma tempestade, ele era uma das únicas pessoas nos carrinhos e conseguiu até escolher em qual vagão ficaria: o primeiro.

Os arrepios que subiam por sua perna não eram causados somente pelo frio. Saber que aquele era o último brinquedo causava um misto de alívio e nostalgia que Dirceu não conseguia descrever ao certo.

Ele não estava pronto para ir embora. Talvez ele nunca estivesse.

No começo, Marília tinha feito uma falta brutal nos dias bons, nos dias ruins, e nos dias que não eram nem bons, nem ruins.

Pouco a pouco ele tinha aprendido a se preencher consigo mesmo e isso o tornava suficiente.

“– Eu gosto dessa montanha-russa porque ela dá aquele frio na barriga de futuro-incrível-pela-frente, sabe? É um comichãozinho gelado que te fisga pelo umbigo e solta borboletas no estômago, repara! – Marília avisou, meio saltitante.

Ela era a única pessoa do Planeta Terra que conseguia ficar meio saltitante mesmo presa em um carrinho de montanha-russa. Sua empolgação quase infantil transbordava por seus olhos e inundava o coração de Dirceu com amor.

– Um ‘comichãozinho gelado que te fisga pelo umbigo e solta borboletas no estômago’, é? – Dirceu repetiu, achando graça no jeito que só ela conseguia definir as coisas.

– Você vai ver! É uma delícia, Ceu.”

O carrinho começou a fazer curvas e mais curvas fechadas em direção ao chão e Ceu soltou as mãos em um gesto de ousadia e confiança. A risada meio surpresa, meio nervosa, que saiu de sua garganta, parecia presa ali há séculos.

O tranco repentino fez com que os vagões se realinhassem e comesçassem uma subida que logo se interrompeu para uma queda brusca. Ele nunca tinha imaginado que tantos meses depois, um comichãozinho gelado fisgaria seu umbigo soltando borboletas em seu estômago e lhe dando a certeza de um futuro incrível pela frente.

Dirceu soltou um grito eufórico.

O primeiro em tanto tempo.

“– Tá vendo? Eu disse que era INCRÍVEL! – Marília tentou falar, ainda que sua voz estivesse abafada pelo vento, pelo barulho das rodas batendo nos trilhos, pelas pessoas, e pela trilha sonora do parque de diversões.

Dirceu se contentou em assentir, sorrindo, ainda meio extasiado, enquanto se preparava psicologicamente para o próximo mergulho da montanha-russa.

Quando os carrinhos tornaram a despencar em alta velocidade, o vento bateu com força em seus cabelos e ele sentiu que estava voando” finalmente livre. Sozinho. Solteiro.

Dirceu não notou quando as asas se fecharam pela última vez.

Abandonados

M.R. SILVA

A câmera deu *zoom* no rosto de Al olhando ao longe. Ele virou o rosto para a lente, que focou em seu sorriso, deu uma piscadela. Logo em seguida, voltou a olhar para o horizonte. À frente dele, o sol nascia rapidamente por entre o mato, fazendo parecer que tinha uma aura angelical ao seu redor. A manhã estava fria, uma das mais geladas do ano, mas a neblina se dissipava rapidamente com os raios de sol.

Os cinco adolescentes não falavam nada, apenas observavam o horizonte. Parados no acostamento da estrada deserta, equilibrando-se em bicicletas e skates, perdiam-se nos próprios pensamentos. Al olhou para a câmera mais uma vez, agora com ar irritado. As pálpebras estavam inchadas pela falta de sono, fazendo com que seus olhos parecessem duas fendas. Mesmo que odiando as piadinhas, já estava acostumado com elas. Seus colegas de classe sempre falavam para ele “abrir o olho”. Seus bisavós tinham vindo do Japão em um navio e a herança genética era muito presente em Al. Ele tirou os olhos da câmera e olhou para cima, para o *cameraman*.

– Cara, eu sei que você tá dando *zoom* na minha cara. Para com isso. O povo já falou que acha estranho! – Al andou um pouco em direção ao mato da beira de estrada. O sol brilhou um pouco forte demais, mas ele não desviou o olhar do amanhecer.

As cinco mochilas estavam perto do pé de Linho, ao lado da bicicleta deitada no chão. Apenas a de Rena se destacava das outras, amarelo-vivo e cheia de *botons*. As outras eram pretas; a de Leninha, com alguns detalhes em roxo; e a de Al, com escritos dos amigos em canetinha branca. Linho abaixou a câmera, soltando-a. O aparelho ficou pendurado

pelo fio, balançando em frente ao casaco marrom fechado, apenas um pouco do forro de pelo de ovelha aparecendo na lapela. Um contraste curioso na pele negra do garoto.

Leninha levantou a cabeça apoiada no guidão da bicicleta de Said apenas o suficiente para olhar para o irmão mais novo. Ela tentou ver por entre a franja de cachos que caíam pelo rosto. Estava precisando de um corte de cabelo. Linho observava Al da mesma forma com que os vídeos saíam no canal: com um olhar apaixonado. Desde que seu irmão conheceu Alberto, quatro anos atrás, os dois não se desgrudavam. A confirmação do namoro foi apenas uma formalidade.

Os dois irmãos eram conhecidos na escola como Os Gêmeos. Eram mesmo extremamente parecidos, mas Helena era dois anos mais velha. Poucos sabiam dessa informação, já que Leninha e Linho estudavam juntos desde a quarta série (a garota repetiu dois anos e ele foi adiantado um). Ela tirou os óculos do bolso interno da jaqueta de couro e os colocou. O sol pareceu brilhar mais forte, mesmo que ela não soubesse se aquilo era efeito do amanhecer que continuava ou dos óculos.

Ao lado de Linho, Rena levantou de onde sentava em cima de seu skate e espreguiçou. Encolheu-se no casaco rosa logo em seguida. O cabelo liso e colorido de azul, rosa e roxo brilhou ao sol. Rena esfregou os olhos e andou em direção a Al. Abraçou o melhor amigo e esse devolveu o abraço. Os dois ficaram ali, observando o nascer completo do sol. A jaqueta jeans de Al e o casaco rosa de Rena se contrastavam, além da altura dos dois. Alberto era mais alto até que Linho.

A jaqueta de couro cor de carne de Leninha fez um barulho quando ela voltou a apoiar os braços no guidão. Em seguida colocou a cabeça nos braços. Baixou os olhos para Said agachado ali perto. O capuz do moletom por baixo do casaco preto estava puxado até a aba do boné. Ele olhava para o chão. De onde estava, Leninha não conseguia ver se os olhos do garoto estavam abertos ou fechados.

O sol brilhou forte acima da linha do horizonte. O frio continuou, embora o ar tenha esquentado alguns graus. Linho ajustou o gorro creme tentando proteger as orelhas melhor. Tinha raspado e pintado o cabelo recentemente, uma ideia péssima. Mas é claro que o garoto tinha sido convencido pelo namorado, o rei das ideias. Carlos era prático demais para idealizar esse tipo de coisa sozinho. Quem passou água oxigenada no cabelo crespo curto foi Alberto. Ele foi até Al e Rena, abraçou os dois.

Com esse gesto, todos sabiam que era hora de começar o que vieram fazer. Ao longe, a montanha-russa despontava no meio do mato alto. Os trilhos brilhavam em alguns lugares quando atingidos pelos raios de sol. O brinquedo de queda livre aparecia imponente por entre a neblina baixa.

Linho levantou a câmera do pescoço e filmou um pouco fazendo um panorama de onde estavam indo. Em seguida, focou nos amigos se arrumando: pegando as mochilas; Leninha cutucando Said com o pé e dando espaço para ele sentar na bike; os casacos rosa e jeans pegando seus skates; e finalmente ele mesmo sentando na própria bicicleta. Desligou a câmera e seguiu os amigos pela estrada lateral que levava ao terceiro maior parque da América Latina, abandonado há mais de dez anos.

Era visível que o parque não recebia visitantes há tempos. A estrada de acesso tinha tanto mato que a partir de um ponto tiveram que ir a pé, empurrando as bicicletas em vez de usá-las. O estacionamento não parecia tão tomado pela natureza, mas era tão grande que eles levaram um tempo para chegar até os guichês e catracas de entrada. Decidiram botar as correntes contra roubo nas bicicletas mesmo parecendo serem os únicos ali. Nunca se é cauteloso demais. Fala de Linho, claro. Os skates foram amarrados junto com as bicicletas nos pilares de sustentação dos guichês.

Depois de pularem as catracas para dentro do parque, os cinco olharam ao redor. A neblina ainda densa começava a se dissipar aos poucos. Era possível distinguir com dificuldade o mato crescido por entre as rachaduras nas ruas de asfalto. As árvores e a vegetação já existentes no parque pareciam ter florescido, crescendo livres sem intervenção humana.

As formas dos cinco adolescentes eram claras na luz da manhã que quebrava a neblina. Said estalou as costas, espreguiçando. Esfregou os olhos. Os outros quatro apenas olhavam ao redor sem conseguir falar nada. Ali perto, alguns brinquedos para as crianças menores apodreciam em contato com os elementos do tempo. Um carrossel tinha quase todos os seus cavalos caídos e as vitrines de um restaurante estavam todas quebradas. Uma árvore crescia pelo que um dia foi o telhado de um cinema de última tecnologia.

– Você acha que é seguro mesmo a gente estar aqui? – Rena tirou as luvas de lã roxo-brilhante das mãos e guardou no bolso do casaco.

– Você acha que a gente tá aqui pela segurança? – Linho riu. Olhou através da câmera, focou no rosto da amiga.

Intercalou o foco entre um *zoom* nas bochechas rosadas de frio e na pintura desgastada do restaurante. Uma cor vermelho-viva parecia sair de uma das janelas quebradas, como uma labareda de fogo. Linho abaixou a câmera para olhar melhor com seus próprios olhos, mas não havia nada ali. Olhou pelo zoom da câmera mais uma vez. O restaurante estava intacto, apenas o cinza da decadência.

Said tirou outra câmera da própria mochila. Passou o fio pelo pescoço e ligou o aparelho. Ajustou o foco e tirou algumas fotos de Leninha fazendo fumaça no ar com a própria respiração. Depois focou em Al andando de um lado para outro. O garoto tinha um brilho no olhar, tentando absorver cada pequena parte daquela experiência. Al olhou ao redor, lembrando que não estava sozinho ali. Aproximou-se dos amigos. Rena, Leninha e Al fizeram uma espécie de fila, um ao lado do outro, enquanto Said olhava os três se ajeitarem pela câmera. Ele ficou bem à frente, um pouco atrás de Linho. O segundo virou para os amigos, a câmera pronta.

– Certo – Al juntou as mãos perto da boca, pensativo. – O.k., Linho, tá pronto pra começar a filmar?

O olhar na direção do namorado foi apenas para confirmação, que Linho concordou com a cabeça. O moço estava sempre pronto para filmar Al. Logo em seguida virou para Said, que apenas fez um coração com a

mão, o polegar e o indicador cruzados à cima da mão fechada. Rena soltou uma risadinha pelo nariz. Tinha certeza de que Said tinha pegado aquele hábito dela e dos seus bias. Provavelmente ele nem sabia que era um coração. Ela se lembrou do celular e o tirou do bolso interno do casaco. Mas como já era de se esperar não havia nenhum tipo de sinal ali. Então o guardou, tentando não pensar na crise de abstinência que teria. Rena podia se controlar, ela podia ficar apenas um dia sem entrar no Twitter. Ela podia não saber o que estava acontecendo com seus garotos naquele momento. Era só não pensar sobre isso. Por um dia inteiro.

– Posso começar? – Al olhou para a câmera e Linho ajustou o foco no namorado. Não esperou confirmação. – Beleza.

As garotas se aproximaram mais e Said ficou meio de lado, tirando foto dos três. Logo em seguida começou a filmar Linho e os outros três.

– Certo – Alberto limpou a garganta. Deu um pequeno tchau com a mão. – E aí, pessoal?! Estamos de volta com o canal! Pra todo mundo que não se lembra, esse é o Abandonados. O canal no YouTube em que vocês pedem, e a gente explora. E voltamos com o melhor lugar em que a gente já esteve, de longe. Vocês pediram e aqui estamos: um dos maiores parques de diversão da América Latina! A sorte de vocês é que o lugar é bem perto da nossa cidade. Somos adolescentes quebrados, gente. Não temos dinheiro pra gastar pra ir pra esses lugares. A gente tem que pagar o ENEM... Pra exploração de hoje, é o pessoal de sempre: Rena, Leninha, Linho e Said.

Said filmou Linho e Linho filmou Said. Rena fez sinal de vitória e Leninha deu um tchauzinho para a câmera.

– Sobre o parque – Leninha começou a falar –, faliu há uns dez anos. Má administração, crise e alguns incidentes fizeram com que o lugar tivesse que fechar as portas...

– Por incidentes, você diz a menina que morreu na queda livre? – A expressão de Rena era de curiosidade genuína. Ela sempre foi dessas pessoas que não pensa muito para falar.

– Rena, a gente tá gravando. Como é que você fala uma coisa dessas? – Linho focou na moça de cabelo colorido.

– Bom, é a verdade – Al teve que ceder, dando de ombros. Said o filmou ao ver que Linho ainda focava em Rena. – E o outro cara que ficou paraplégico depois de se apresentar em um evento no parque.

– A história desse parque é cheia de coisas bizarras – O tom de voz de Rena tinha um quê de “eu avisei”. – E nem tem uma sessão de terror, né?

– Tem o trem-fantasma... – Leninha respondeu. – Mas não é tão assustador quanto a ideia de um parque de diversões abandonado por dez anos onde pessoas realmente morreram.

Um silêncio caiu sobre o grupo. Al pigarreou e Linho voltou o foco para ele. As vozes do grupo ecoavam pelo lugar silencioso. A neblina estava quase totalmente dissipada. Agora era possível ver que a vegetação era um pouco mais densa do que os cinco haviam imaginado. O mato crescia em alguns lugares quebrados no asfalto para cima do peito de Rena, a mais baixa dos cinco. Arbustos impediam de se ver algumas atrações da estrada principal.

– O.k.! – Alberto deu um sorriso para a câmera. Tudo parecia melhor quando Al sorria. – Como o parque é gigante...

– 600 mil quilômetros quadrados – Leninha interrompeu rapidamente. Sorriu quando todos olharam para ela. – Fiz minha pesquisa antes de vir.

– Sim – Al concordou com a cabeça. – Vamos nos dividir em dois grupos. Eu e Linho e Rena, Leninha e Said.

– Ele e o namorado – Rena acrescentou logo em seguida –, e o resto do grupo.

– Mas é claro, Lorena – Leninha se aproximou da amiga e passou um braço ao redor dos ombros dela. – Você acha que Alberto e Carlos iam conseguir passar um dia inteiro separados? Seria uma crise de abstinência maior do que você tá tendo sem seu celular.

Todos riram, até Said. As gargalhadas ecoaram pelo parque vazio, dando um ar macabro ao final da conversa.

A entrada da roda gigante não estava apenas enferrujada. Uma das cabines em que as pessoas sentavam no brinquedo tinha caído e ameaçado as grades que demarcavam a fila. Ela parecia um corpo sem vida, a pequena porta aberta, as dobradiças negras de ferrugem e os vidros quebrados. A alguns metros, uma árvore crescia por entre as ferragens de sustentação da roda.

– Acho melhor não ir muito perto – Leninha advertiu Rena. O mato não estava muito alto pela área e dava para andar até embaixo do brinquedo. – A estrutura não parece muito boa.

Leninha apontou para a cabine caída. Rena concordou com a cabeça e deu a volta. Sua atenção tinha sido capturada pelo estande de tiro ao alvo ali perto, as cores vivas um pouco mais preservadas que o resto do parque. Said continuou filmando a roda gigante. Filmou um pouco Helena também, que observava o alto do brinquedo imponente.

– Nunca gostei muito de rodas gigantes. Nunca entendi muito a graça. – Ela sorriu para a câmera. Said sorriu de volta, mesmo que ela não pudesse ver.

– A graça é você ficar sozinho com alguém que não poderia ficar sozinho em outra circunstância – Said abaixou a câmera. – E olhar a vista.

A garota levantou a cabeça mais uma vez e olhou o topo da roda gigante.

– Nunca quis ficar sozinha com ninguém desse jeito – Ela deu de ombros. – Prefiro a montanha-russa. Dá aquele frio na barriga.

– É... – Said não era muito de falar. Talvez por isso ele e Leninha se dessem tão bem. E se dessem bem com Rena. Lorena eram quem falava pelos dois, enquanto Leninha e Said se comunicavam por olhares.

Havia três anos que Said tinha vindo com a mãe e o irmão mais novo para o Brasil. Ele nunca falava do pai e os amigos não perguntavam, mas todos presumiam que tinha ficado na Síria. De um jeito ou de outro. Logo de cara, Rena fez amizade com o moço. Além de Al, Lorena era a porta-voz da sala deles, quem sempre dava as boas-vindas aos alunos

novos. Mas poucos continuavam amigos da garota. Para ser amigo de Rena tinha que ter paciência, tanto da pessoa quanto dela própria. Talvez se não fosse por Leninha e o dom que tinha de intermediar Said e Rena, o grupo não estaria formado. Eles tinham o vlog há um ano. Eles nunca teriam chegado há um mês se não fosse por Said. Era ele quem editava os vídeos com Linho.

– Pessoalmente sempre preferi o trem-fantasma – A voz de Said chegou um pouco abafada até Leninha. – Gosto de não saber o que vai acontecer a seguir.

– Você gosta de filme de terror – Leninha revirou os olhos para a câmera. – Nunca entendi isso.

Said riu baixinho e tirou a câmera do rosto. Algo não estava certo. A falta da voz de Rena o fez olhar ao redor, na direção do tiro ao alvo. Ela não estava mais ali. Rena não estava em nenhum lugar.

– Cadê Lorena? – Tentou não transparecer preocupação na voz. Ele não queria que Leninha achasse que era o tipo de pessoa que se desesperava por pouca coisa.

– Ela tava ali no ti... – Leninha virou em direção ao tiro ao alvo, mas onde Rena deveria estar não havia ninguém.

Os dois se olharam. Os olhos de Leninha abriram tanto que pareciam ter duplicado de tamanho, quase chegando aos aros dos óculos. Os dois foram até o tiro ao alvo o mais rápido que o mato permitia. Apesar de não estar tão alto ali, ainda estava presente, atrapalhando a locomoção. Tanto Leninha quanto Said chamavam Rena pelo nome, gritando, mas obtinham apenas o eco das próprias vozes.

Perto do brinquedo, outras “casinhas” no estilo, onde se fazia algo e ganhava um prêmio, formavam uma espécie de semicírculo. O asfalto naquela área tinha desaparecido e dado lugar a uma terra dura e sem vida. O mato presente no resto do parque parecia não ter florescido ali. Os dois olharam ao redor, se distanciando um pouco um do outro.

– Aqui! – Said estava quase agachado, olhando para o chão de terra.

Leninha se juntou a ele e observou várias pegadas. Era indistinguível se de sapatos ou pés descalços. Elas pareciam levar a uma direção que eles não tinham explorado ainda. Perto do rio bravo. Said começou a seguir a trilha de pegadas, mas Leninha o segurou pela blusa.

– Isso não faz nenhum sentido... – Ela olhava ao redor, tentando ver onde as pegadas levavam. A trilha se embrenhava por trás de um arbusto espesso. – Por que ela ia pra algum lugar sem avisar a gente?

– Porque é Rena?... – Said fez menção de começar a seguir as pegadas mais uma vez e mais uma vez Leninha o impediu.

– É melhor a gente tentar encontrar meu irmão e o Al. Seguir pro próximo lugar deles no cronograma... – Ela parecia resoluta em sua decisão.

– Mas e Rena? A gente deixa sozinha? – Said não fazia nenhuma questão de esconder a preocupação agora.

– A gente volta pra b... – Leninha parou ao ouvir um assobio alto. – Tá ouvindo isso?

Said respondeu algo, mas ela não ouviu. Ele continuou falando, mas ela não conseguia ouvir nada, apenas um zumbido agudo. Tirou os óculos e os entregou para o amigo. Said os colocou no bolso interno do

casaco. Ele ainda falava com ela. Pegou os ombros da garota com as mãos, olhando no rosto dela. Uma forte dor nos ouvidos de Leninha fez com que ela colocasse as mãos nas orelhas. De dentro deles escorria um pouco de sangue, que ela percebeu só quando olhou as mãos ensanguentadas. Foi aí que Leninha começou a gritar. Mas nem sua própria voz ela ouviu. O mundo estava em silêncio absoluto. E ela entendeu que estava surda.

As vozes conhecidas chamavam Rena e ela respondia. Ela ia em direção a elas, mas pareciam vir de todos os lugares. E às vezes pareciam vir de dentro de sua própria mente. Rena parou de andar. Não estava mais no tiro ao alvo. Ela podia ver a montanha-russa ali perto, mas, passando os olhos, não via a entrada. A queda livre não estava muito longe também. As vozes continuavam a chamando pelo nome. Era Linho e Al. Ela reconheceria a voz de Al em qualquer lugar.

Suas mãos foram ao rosto, tentando não prestar atenção no que ouvia. Sem tomar conhecimento ela continuava a andar. Ao tirar as mãos percebeu que estavam molhadas. Rena estava chorando. As vozes eram ensurdecedoras. Ela não conseguia pensar. Ela não sabia por que estava andando, ou ainda, por que estava chorando. Rena caiu no chão de joelhos. As vozes continuavam falando seu nome. Mais uma tinha se juntado ao coro. Rena demorou para reconhecer que era dela mesma gritando. Mas nem seus gritos de desespero silenciaram as vozes.

Ela levou as mãos ao rosto mais uma vez. Pelo menos assim não tomaria conhecimento do crânio humano no meio do mato, a alguns passos de onde estava.

Os trilhos da montanha-russa brilhavam quando atingidos pelos raios de sol. Linho filmava o efeito que os raios faziam na neblina quase dissipada. Os feixes que brilhavam da montanha-russa se dissipavam pelas gotículas de água, formando as cores do arco-íris. Al era a estrela do enquadramento, emoldurado pelo efeito colorido.

– Adoro a montanha-russa. Linho, olha como ela tá bem preservada! – Alberto olhava para a câmera e, em seguida, para o brinquedo imponente, um sorriso gigantesco no rosto.

De fato, a montanha-russa parecia ser o brinquedo mais preservado do parque. Apesar do mato alto, como no resto do local, os trilhos não pareciam enferrujados. Ao contrário, brilhavam como se fossem novos. No entanto, a estrutura não havia se entendido tão bem com o tempo. Era possível ver que a ferrugem havia comido partes da ferragem. Mas ainda parecia intacta e firme, sem a ameaça de cair a qualquer momento. Não havia nenhuma outra vegetação além do mato alto por ali.

As cenas filmadas por Linho eram perfeitas. O contraste do brilho e das cores com a decadência do parque. Um lugar que um dia trouxe tanta felicidade às pessoas, agora esquecido. Mas ainda assim trazia felicidade a alguém. Ele deu um *zoom* no rosto de Al mais uma vez. Linho sabia que os

seguidores não gostavam muito quando ele dava *zooms* no rosto de Alberto, mas não conseguia resistir. Depois Said poderia tirar. Os dois sempre trocavam as filmagens na hora da edição. O trabalho de Said na edição refletia sua personalidade: poucas palavras e conciso.

Estava tão focado em Al que não olhou onde estava pisando. Um pequeno descuido e Linho tropeçou em algo. A única coisa que pensou foi na câmera. Caiu segurando o aparelho para cima. Alberto veio correndo ao seu encontro.

– A câmera... – Linho entregou o objeto para o namorado antes de mais nada.

– Só você mesmo pra se preocupar com a câmera antes de ver se quebrou algo – Al riu, agachando ao lado de Linho e o ajudando a sentar.

– Claro, né? Você acha que se ela quebrasse eu conseguiria mandar pra arrumar ou comprar outra? – Linho parecia um tanto ultrajado com as escolhas do namorado.

– Eu sei... – O moço apalpou o tornozelo do namorado, mas Linho não reclamou de nenhuma dor. Parecia que nada havia sido torcido ou quebrado. – Que aconteceu?

– Não sei... – Linho começou a olhar para o chão adiante. – Tava distraído e tropecei em alguma coi...

Ele se interrompeu. Com a boca aberta, não disse mais nada, apenas ficou olhando fixamente para algo além de seus pés. As sobrancelhas se ergueram em surpresa e ele se afastou um pouco para trás. Al, que estava prestando atenção no que ele dizia, teve que se virar para olhar o que Linho observava com tanto assombro.

Ali, a alguns passos deles, metade de um crânio humano saía da terra, a outra metade provavelmente enterrada. A respiração de Alberto falhou e ele se afastou também, chegando bem perto de Linho. Ajudou o namorado a levantar. Os dois não conseguiam tirar os olhos dos ossos. Linho engoliu em seco.

– É um... – Não conseguiu terminar a frase. Al confirmou com a cabeça. – Pode ser de mentira...

O moço sempre tentava ser racional. Mas Alberto apontou para o chão um pouco mais para frente. Mais três ou quatro crânios humanos se enfileiravam no meio do mato. Outros ossos estavam empilhados por perto.

– Não é – Os dois deram passos para trás, se afastando aos poucos das ossadas.

Vários pensamentos passavam por suas mentes, mas não conseguiram verbalizar nenhum. Sem olhar para onde iam, tropeçaram em algo mole. Os dois conseguiram se equilibrar de volta e não cair. Olharam para trás. Um casaco rosa sujo de terra e a menina que o vestia estavam no chão em posição fetal. Rena tinha as mãos nos ouvidos, os olhos fechados e o rosto sujo de lágrimas secas e terra. Linho se agachou primeiro e sacudiu a amiga.

– Rena! – chamou. Al o seguiu na ação, virando a amiga de barriga para cima. Linho colocou um dedo em baixo do nariz de Rena. – Ela tá respirando.

– Rena! – Al deu um tapinha no rosto da garota.

Sem nenhuma reação, deu mais um. Desta vez, Rena resmungou. Tirou as mãos dos ouvidos e foi abrindo os olhos devagar. Demorou para focar no rosto dos dois meninos. Assim que entendeu o que estava acontecendo, começou a chorar. Linho e Al trocaram olhares preocupados. Rena abraçou os dois ao mesmo tempo. O abraço era tão forte que Linho, o mais magro dos dois, teve que empurrar a garota para longe para não se machucar.

– Que aconteceu? – Al enxugou o rosto da amiga com a manga da própria jaqueta.

Rena soluçou e protelou em responder aos dois. Nem Linho nem o namorado a pressionaram. Deixaram que a amiga se recuperasse antes de conseguir falar algo.

– Vocês... – Ela soluçou. – Vocês me chamaram...

– Sim – Linho concordou com a cabeça. – Agora há pouco.

– Não... – Rena engoliu as lágrimas que restavam. – Vocês ficaram me chamando. Não paravam. O tempo todo falando meu nome. Aqui dentro.

Ela levou um dedo à têmpora para ilustrar onde era “dentro”. Mais uma vez, os dois trocaram um olhar. Linho tirou a mochila dos ombros e abriu, tirando uma garrafa de água de dentro. Ofereceu para Rena, que bebeu com vontade.

– Você acha que consegue levantar? – Linho perguntou assim que a amiga devolveu a garrafa a ele.

Ela fez um sinal afirmativo com a cabeça. Al e Linho levantaram primeiro e Al ajudou a amiga a levantar em seguida. Rena respirou fundo

tentando normalizar sua respiração. Olhou para as próprias mãos. Estavam imundas com a terra e tremiam. Linho percebeu a ação e abriu a garrafa. Rena estendeu as mãos, e o amigo derramou água nelas. A garota esfregou uma na outra, as fazendo ficar o mais limpas que podia. Logo depois, passou as mãos molhadas no rosto. Linho tampou a garrafa e a guardou na mochila, que voltou para suas costas.

– Vamos tentar encontrar os outros? – sugeriu, olhando para Al. Rena apenas tinha um olhar vago, sem foco.

– Isso – Al concordou. Tirou o celular do bolso. Olhou para a tela e suspirou. – Sem sinal...

– A gente pode tentar chamar por eles. Não deve ser difícil ouvir, com só a gente no par... – Linho se assustou com a força com que Rena pegou em seu braço.

– Não. – Sua voz era baixa e trazia um certo tom de súplica.

– O.k. – Linho a tranquilizou. – Então vamos pro próximo ponto do itinerário. Tenho certeza de que é isso que a Leninha vai fazer quando sentirem falta da Rena.

Os outros dois concordaram. O próximo lugar no cronograma era a queda livre. Era possível ver o brinquedo a apenas alguns metros de distância. Uma pequena vegetação arbustiva bloqueava o caminho, crescendo no meio do asfalto. Mas não haveria erro se seguissem reto. Al confirmou com Linho o caminho em silêncio. O namorado respondeu apenas com um aceno de cabeça. Alberto estava pronto para ir na frente pela mata quando as folhagens começaram a se mexer.

Um sorriso abriu no rosto de Rena, pensando que poderia ser Leninha e Said. Porém, Al e Linho lembraram das ossadas. Sem trocar palavras ou olhares, ambos colocaram uma mão na frente do corpo de Rena e deram um passo para trás. Ela os acompanhou quase sem conseguir se conter, querendo na verdade correr ao encontro dos amigos.

Mas quem saiu do meio das folhagens não foi nenhum dos dois adolescentes conhecidos. Um garoto de uns 12 ou 13 anos, nu, olhava para os três com uma expressão de curiosidade zombeteira. Seu cabelo era grande, batendo na cintura, muito embaraçado. A cor era vermelho-viva, tão vibrante que os amigos tinham dificuldade em olhar diretamente para os fios. As orelhas pontudas saíam por entre a cabeleira e tinha traços típicos indígenas. Al tentou abrir a boca para falar algo para o menino, mas Linho puxou seu braço por trás de Rena.

– Os pés dele... – Linho cochichou se debruçando por trás da amiga.

Os três olharam para os pés do garoto. Estavam virados ao contrário: os dedos para trás e o calcanhar para frente.

– Curupira... – Rena disse quase em um sussurro. Os outros dois confirmaram com a cabeça.

O garoto não estava tão perto, mas começou a andar em direção ao grupo. Os três não conseguiam tirar os olhos dele.

– O curupira não come carne humana? – O pavor na voz de Al era mais que visível.

– Sim... – A voz de Rena quase não aparecia mais.

– E como que a gente faz se encontra um? – O grupo dava passos para trás conforme o curupira dava para frente. – Não lembro de estudar isso na escola.

– Tô tentando lembrar! Minha vó sempre falava que o irmão dela encontrou o curupira uma vez... – Linho já não fazia questão de abaixar a voz mais.

– Tem que pegar o gorro – Rena ofereceu, os olhos sem desviar do rosto que agora apresentava um sorriso feroz.

– Ele nem tem gorro. Esse é o Saci! – A voz de Al tremia agora.

O curupira parecia mais do que feliz, como o caçador que encurrala a presa. Abriu um sorriso mostrando os dentes pontiagudos, como os de um tubarão, preparados para estraçalhar carne. Linho olhava para todos os lugares, tentando encontrar um jeito de escapar. Mas sabia que correr era inútil. O curupira era mais veloz que qualquer humano.

– Corre... – Al sugeriu. Linho segurou o casaco dos dois.

– Não – Ele fez força para manter os dois no lugar que estavam. – Ele é mais rápido que a gente. Não vai adiantar. Tem que dar algo pra ele se distrair, aí a gente foge. Um... Um...

Enquanto Linho tentava lembrar, o curupira chegava mais perto.

– Um novelo! – Ele olhou para os amigos.

– Do que é que você tá falando? – Al não parecia tão relaxado com a lembrança do namorado. – Quem é que anda com um novelo no bolso?

– É isso que minha vó sempre fala: quando vai entrar na mata sempre leva um novelo emaranhado. Se encontrar o curupira é só jogar nele que ele se distrai e aí você foge.

– A gente não tá na mata, e não temos novelo... – O desespero era visível em Alberto.

O curupira estava perto demais. Um pulo e ele alcançaria os três. Rena pôs as mãos nos bolsos, tentando encontrar algo que se parecesse com um novelo. Ela sabia que se alguém tivesse algo do tipo, seria ela. Suas mãos encontraram algo macio e fofinho. Suas luvas roxas. Sem hesitar ou mesmo perguntar para os amigos o que fazer, Lorena tirou as luvas do bolso e as jogou na direção do curupira.

Tanto o ser quanto os garotos ficaram surpresos por um momento com aquela coisa roxa-brilhante voando pelo ar. O curupira foi rápido e pegou as luvas em suas mãos antes delas caírem no chão. Ele as analisou curioso e começou a puxar os fios de lã com um gesto automático. Os outros garotos se recuperaram mais rápido.

– Agora a gente corre – Linho puxou os amigos pelo casaco.

Os três correram em direção à queda livre o mais rápido que podiam. Tão rápido que em poucos instantes eles não conseguiam nem ver mais o curupira. Apenas uma lã roxa brilhando nos raios de sol.

As grades da fila da queda livre não tinham sobrevivido bem ao tempo. Brilhavam ao sol, mesmo que enferrujadas. A vegetação não tinha crescido tanto ali quanto havia no resto do parque, formando uma espécie de clareira. Uma Leninha cambaleante ajoelhou no chão cimentado com a

ajuda de Said. O garoto a tinha ajudado a andar, quase a arrastando pelos caminhos de mato alto.

Parecia que a perda da audição de Leninha tinha afetado seus outros sentidos. Ela imediatamente colocou as mãos nas orelhas e as tirou em seguida. Abriu a boca o máximo que pode, como que para desentupir os ouvidos. Mas nada aconteceu. Agora nem mais o zumbido ela ouvia. Nenhum ruído branco. Não havia pássaros cantando ou mosquitos voando perto de seu rosto. Não havia barulho de água correndo em algum lugar ali perto. E não havia a sensação de passos sendo dados em volta deles. Muito menos a de que alguém a observava.

– Leninha, que tá acontecendo? Você não consegue me ouvir mesmo? – Said se abaixou ao lado da amiga. Tirou os óculos dela do bolso e a entregou.

Ela os colocou e ficou olhando para o chão a sua frente, sem responder, já que não ouviu a pergunta do amigo. Algo quente escorreu pelos olhos de Said e ele levou uma mão à bochecha, que voltou molhada. A água continuou escorrendo até chegar a sua boca. Era salgada. Said piscou duro e só então percebeu que estava chorando. Limpou o rosto rápido antes de falar com Leninha mais uma vez. Não queria desesperar a amiga.

Um barulho atrás deles fez com que ele se virasse automaticamente. Leninha continuou olhando fixo para o mesmo lugar no chão a sua frente. Os coturnos de Al batiam duros no cimento, ecoando no espaço vazio da queda livre. Ele corria em direção a Said e Leninha. Logo atrás, não perdendo o ritmo, vinham Linho e Rena, as mochilas

chacoalhando em suas costas. Os três pararam ofegantes, mãos no joelho. Pareciam ter ensaiado o ato, e teria sido engraçado se não fosse a expressão de desespero nos rostos do trio.

– Ma... ta... Cu... ru... – Al tentou balbuciar algo, mas não tinha fôlego para falar uma palavra completa.

– Leninha... – Linho praticamente se desmontou no chão ao lado da irmã. Respirou fundo várias vezes tentando normalizar sua respiração.

A garota olhou espantada para o irmão, como se não tivesse percebido ele ali. Voltou o corpo para trás.

– Onde vocês estavam?? – gritou o mais alto que pode.

Rena se jogou em direção à amiga, tapando a boca dela com a própria mão. Os olhos estavam arregalados e olhava em direção a mata ao redor.

– A gente encontrou o curupira. – Rena tirou a mão da boca de Leninha. – Ele já pode ter alcançado a gente. Pode estar observando a gente agora mesmo.

Leninha viu os lábios da amiga se mexerem, mas não ouviu nada e assim não respondeu. Said não entendeu, então também não comentou nada sobre aquilo.

– Vocês ouviram o que a Rena disse? – Al deu alguns passos para mais perto do grupo. Também olhava ao redor. – O Curupira. A gente encontrou ele.

– Tem mais alguém aqui? – Said levantou. – Quem é curubira?

– Curupira. – Linho também levantou. – E não é “quem”; é “o que”.

– O que tá acontecendo?? – Leninha falou alto demais.

– Leninha – Linho pegou o braço da irmã e falou olhando no rosto dela. –, a gente acabou de falar. Vimos o curupira. Que tá acontecendo com você? Tá surda?

A moça apenas olhou de volta para o irmão. Um silêncio caiu sobre o grupo. Said limpou a garganta e todos voltaram para ele. Leninha apenas o fez depois que viu para onde os outros três olhavam.

– Linho – era possível ver que Said ponderava as palavras que iria dizer –, acho que Leninha perdeu audição.

Ninguém falou nada. O garoto tomou isso como um convite para explicar melhor.

– A gente estava na roda-gigante. Rena tinha desaparecido. Tava vendo como a gente ia fazer pra encontrar ela. Aí sua irmã falou alguma coisa de assobio, não entendi. Depois ela tava gritando. Eu tentei falar com ela, mas ela não me entendia. Ela não me ouvia. – Said limpou uma lágrima que escorreu novamente por sua bochecha. – Desculpa.

Linho se agachou junto da irmã. Pegou o rosto de Leninha nas mãos.

– Vai ficar tudo bem. – As palavras saíram bem devagar. Eram quase um sussurro. Apesar de tudo, Leninha entendeu, confirmando com a cabeça. Os dois se abraçaram.

Um barulho na mata fez com que todos se virassem na direção da montanha-russa. Uma revoada de passarinhos alçou voo de uma árvore próxima. Um suspiro geral saiu dos cinco. Al tirou a mochila das costas e

se abaixou procurando algo dentro dela. Linho e Rena ajudaram Leninha a se levantar.

– Que aconteceu? – Said virou para Rena procurando respostas.

– A gente encontrou com o curupira – a amiga respondeu, olhando curiosa para Al, remexendo dentro da mochila.

– O que que é isso? – Said também olhava para Al.

– É um ser, uma espécie de menino, que cuida das matas. – Linho entrou na conversa. Ainda com um braço em volta da irmã.

– Que come carne humana... – A voz de Rena ficou mais aguda ao falar a frase. – E que a gente tinha certeza de que era uma lenda até...

– Arrá! – Al não percebeu que havia interrompido a amiga.

De dentro da mochila ele tirou uma garrafa de vodca, contendo um pouco mais da metade do líquido transparente. Ele mostrou a garrafa para os amigos, mas colocou no chão em seguida para fechar a mochila e botá-la novamente nas costas.

– Vodca? – Rena perguntou enquanto Al se levantava.

– Me corrija se estiver errado, mô. – O garoto pegou a garrafa do chão e olhou para Linho. – Mas o curupira não gosta de cachaça?

– Eu tenho tantas perguntas... – Linho olhava fixamente para o líquido transparente. – Mas, primeiro, sim. Quando um caçador entra na floresta é bom que leve uma garrafa de cachaça para oferecer pro curupira. Eu não acredito que você sabe isso.

– É claro que eu sei. – Era possível ver o orgulho de ter esse conhecimento estampado no rosto de Al.

– Por que é que você tinha uma garrafa de vodca na sua mochila? – Said verbalizou a pergunta que todos estavam doidos para fazer.

– Porque é sempre bom estar prevenido, Said. – O moço abriu um sorriso. – Aprendi isso com meu namorado.

– Epa, perai! – Linho riu. – Eu não te ensinei nada sobre alcoolismo. Eu só bebo isso aí com refri e...

Linho não concluiu o pensamento. Os olhos dos quatro não estavam mais na garrafa de vodca, e sim em algo atrás de Al. O garoto se virou. O curupira não mais sorria. Ele parecia zangado. Talvez indignado que os adolescentes tinham o enganado. Al deu alguns passos para trás, para mais perto dos amigos.

O curupira não parou. Andava calmamente em direção ao grupo, enquanto os adolescentes pareciam em transe sem saber o que fazer. A alguns passos deles, Al, que estava no centro à frente de todos, acordou da repentina paralisia e estendeu a mão que segurava a garrafa de vodca. O ser de cabelos vermelhos parou na hora. Olhou curioso para a garrafa. Alberto chacoalhou o vidro e o líquido de dentro pareceu pular. O curupira acompanhou tudo com olhos curiosos, sem tirar o olhar da garrafa. Devagar, sem fazer movimentos bruscos, Al tirou a tampa do recipiente.

Os outros quatro prenderam a respiração por alguns segundos, imóveis, esperando o que viria acontecer a seguir. O curupira cheirou o ar. Rastrou o cheiro do álcool até bem perto da mão de Al. Todos estavam tão próximos que os corações pareciam bater em um ritmo único, disparado e alto. Até Leninha conseguia sentir as batidas altas e ritmadas.

Em um movimento repentino, o curupira tomou a garrafa das mãos de Alberto. Como se fossem um só, os cinco deram um passo para trás. O ser colocou o gargalo na boca e virou a garrafa. Bebeu um pouco da vodca e parou. Abriu um sorriso de dentes pontiagudos olhando o líquido transparente. Aprovou com a cabeça. Logo em seguida olhou para os adolescentes. O sorriso havia desaparecido de seu rosto. Mais uma vez, como um só, deram um passo pequeno para trás.

Mas o curupira apenas os encarou, sem se mover por um momento. E então, apontou para uma abertura na espécie de clareira que era o brinquedo da queda livre. A abertura continuava numa das estradas do parque. Todos olharam para onde o ser apontava. Quando voltaram o olhar mais uma vez para onde o curupira estava, não havia nada ali. O ser havia desaparecido.

Sem pensar muito, Al fez menção de ir para a direção indicada pelo curupira. Nem teve tempo de olhar para Linho direito, Leninha empurrou todos.

– Vamos logo, seus trouxas! – Ela ia empurrando os amigos, que começaram a andar cada vez mais rápido pressionados pela garota. – Minha audição voltou mais aguçada. Consigo ouvir ele andando pelo mato aqui perto!

Eles correram pela pequena estrada. Não precisaram correr muito para entender aonde estavam indo. Ao longe, já podiam observar a praça de entrada, com o carrossel em um canto e o restaurante em outro. Os cinco correram para a entrada. Tiraram as correntes das bicicletas o mais

rápido que conseguiram. Fizeram o mesmo caminho do começo da manhã em metade do tempo. Quando já estavam longe, olharam para trás.

– Tá tudo bem? – Said olhou para Leninha. Ela respondeu fazendo um “sim” com a cabeça.

Durante todo o caminho ninguém mais ousou falar nada. Nem saberiam por onde começar. Estavam quase no mesmo local no acostamento da estrada em que observaram o parque ao amanhecer. O sol ardia alto em suas cabeças, embora o vento ainda fosse muito frio. Tinham tantas expectativas e esperanças sobre esse dia. Sabiam que poderia ser perigoso, mas nem nos seus sonhos mais loucos, aqueles que vinham quando iam dormir depois de ver filme de terror, poderiam imaginar o que passariam naquele dia naquele parque abandonado. Alberto suspirou.

– Alguém conseguiu filmar alguma coisa do curupira? – A pergunta de Al foi tão genuína que a única coisa que os outros conseguiram fazer era gargalhar.

Unicórnios

DRIELY MEIRA

Sempre imaginei que unicórnios eram seres belos e delicados, daqueles que se parecem com bichos de pelúcia que dão vontade de apertar. Quando criança, tinha uma paixão fanática por desenhos animados cujos protagonistas eram unicórnios e, com nove anos, pedi um de Natal. Eu não ganhei nenhum, é claro. Minha fantasia cor-de-rosa sobre unicórnios acabou quando finalmente o vi, durante uma quermesse em minha cidade.

Eu nem queria ir, para falar a verdade, mas acabei sendo arrastada por uma de minhas amigas e, quando percebi, os cavalos do carrossel estavam se mexendo de uma maneira anormal. Na verdade, eles estavam passeando em meio às pessoas, que pareciam não os ver. De primeira, imaginei que estivesse ficando louca, qual outra explicação haveria? Cogitei ir embora no mesmo instante, pois fechava e abria os olhos repetidas vezes, e eles continuavam lá, fora do lugar. Só acreditei que era real quando o vi. Ele era negro como a noite, e seu chifre era transparente e brilhante. Olhou em minha direção e me vi encarando olhos vermelhos chamuscados, com faíscas saindo de dentro deles. Senti meu corpo tremer à medida que nos encarávamos, o medo tomou conta de mim e mais do que nunca, quis correr. Algo chamou sua atenção, ele desviou o olhar, e então desapareceu. Puft! Como num truque de mágica.

Ainda assim, eu deveria ter ido embora. Mas não fui. Ao contrário: fiquei procurando aquela criatura estranha até meus pés ficarem cheios de bolhas e o parque se esvaziar. Toda vez que fechava os olhos, eu via aqueles círculos vermelhos chamuscados e precisava abri-los outra vez. Era como se o simples ato de pensar nele já fosse o suficiente para queimar

minhas pálpebras. Quando os portões do parque foram enfim fechados, fui para casa sentindo-me inquieta. Eu estava ficando louca, ou os cavalos haviam voltado para o carrossel?

Tive pesadelos naquela noite. Neles, eu fugia do unicórnio negro e seu bando. Corria numa floresta escura enquanto ouvia os galopes e relinchos atrás de mim, e quando olhava para trás, via nuvens de fumaça envolvendo suas patas. De alguma forma, eu era mais rápida do que eles. Ou talvez eles simplesmente gostassem de caçar. Acredito mais na segunda opção, já que, pouco tempo depois, eles me alcançaram.

Não foi uma, nem duas vezes. Todas as vezes em que me pegavam, eles mordiam meu pescoço e um líquido escorria por minha pele, ao mesmo tempo em que outro entrava em minha corrente sanguínea. No instante seguinte, eu despertava no mesmo ponto em que começara a correr da última vez, e tudo recomeçava. O sonho era tão real que, quando acordei na manhã seguinte, estava me sentindo muito cansada, meus pés doíam de uma maneira horrível... E meu pescoço estava coagulado. Ainda assim, não levei a sério, como poderia?

Recordar os dias seguintes é difícil; sinto como se parte da minha memória tivesse sido levada no ano seguinte, junto com o restante de sanidade que eu ainda tinha. Depois da primeira noite de pesadelos, outras se seguiram, e eu mal conseguia comer, vá dizer dormir. Fazia de tudo para não fechar os olhos e ter que enfrentar outra caça, outra dor, ou acordar

sangrando no dia seguinte. Fiquei imensamente feliz quando, meses depois, caí no sono e não tive um sonho sequer. Fechava os olhos e tudo o que via era a escuridão de minhas pálpebras. Sem mais fogo, sem mais dor. Ainda assim, eu sentia como se estivesse sendo observada, andava paranoica, a insanidade batendo em minha porta. Tentava não procurar as lembranças daquela noite em minha memória, mas se havia algum feitiço em mim, ele estava funcionando.

Um ano depois, a quermesse voltou e, com ela, o parque. Eu sabia que deveria ficar em casa, sabia que o que quer que estivesse acontecendo comigo havia começado naquela mesma noite, um ano atrás. Também deveria ter imaginado que invocar tantas vezes a cena daquele animal faria com que me esquecesse um pouco de como eram suas feições e quisesse, mais do que tudo, vê-lo outra vez. Algo dentro de mim precisava ver seus olhos faiscantes outra vez, já que isso não mais acontecia em meus sonhos. Também sentia falta do fogo que queimava meus olhos cada vez que os fechava. Sentia falta de queimar.

A Lua cheia iluminava a noite enquanto eu caminhava em direção ao som de centenas de vozes falando ao mesmo tempo, unido-se à música e a gritos de crianças. Estava vagando pelo parque, meus olhos em busca do carrossel, quando o vi. Meu unicórnio. Talvez eu não devesse chamá-lo de meu, já que ele não o era. Mas eu sentia que era, desde o colapso que atravessou meu corpo quando encontrei seus olhos, até o momento em que senti que minhas entranhas se queimavam com sua presença. Fechei os olhos, torcendo para que acontecesse. Torcendo para que queimassem. E eles queimaram.

Era como se meu corpo todo estivesse em chamas, e todos os sons ao meu redor desapareceram. Por mais que estivesse doendo e eu sentisse como se fosse derreter a qualquer momento, eu queria mais. Muito mais. Abri os olhos com muito esforço, e mais senti do que vi o unicórnio se aproximando. Ele não me atacou, como imaginei que fosse fazer. Fiquei imóvel à medida em que ele chegava mais perto, a ponto de mal respirar. Foi quando seu chifre brilhou de maneira extraordinária e, com ele, tocou minha testa. Depois disso, só me lembro do escuro.

Quando acordei, não havia mais parque. Não havia carrossel, não havia quermesse, não havia ninguém por perto. A única luz vinha da Lua, que continuava cheia. Eu estava numa floresta. Não qualquer floresta, mas aquela floresta, a dos sonhos. Sentia meu corpo tremer, se de medo ou ansiedade, não sei dizer. Uma parte de mim não queria ser perseguida, contudo, o restante estava louco para correr por entre a vegetação e fazer parte de uma maluquice que eu vivia há tanto tempo por meio de sonhos.

Caminhei alguns passos quando vi um vulto preto envolto em chamas vermelhas passar ao longe. Eu o reconheceria em qualquer lugar, principalmente no escuro. Era ele. Meu unicórnio. De repente, meus pés não estavam mais parados, e as solas nuas queimavam em contato com o solo à medida que eu corria. Quando estava cansada demais para continuar e finalmente parei, as árvores à minha volta viraram fumaça, e eu não conseguia respirar. Tudo o que sentia entrar nos pulmões era denso

demais, ardente como fogo. Deixei-me cair de joelhos, lutando desesperadamente por ar. Tudo ardia, tudo queimava, tudo doía. Não sabia onde estava o unicórnio, e sabia muito menos o que estava acontecendo, mas sabia que precisava respirar. Fiz os lábios se separarem e suguei o ar o mais forte que pude, torcendo para não engasgar ainda mais com a fumaça.

Pude sentir o uivo do vento nos ouvidos quando, subitamente, a floresta voltou. Parecia mágica ou qualquer coisa do tipo, já que um instante antes eu lutava para respirar em meio a tanta fumaça. Sentia a luz da Lua iluminando o caminho que eu seguia, os pés deixando uma trilha de sangue por onde eu pisava, e os olhos buscando algo em meio à escuridão. Eu me sentia livre, liberta, mas ainda não havia sinais do unicórnio negro. Talvez a tortura tivesse sido uma espécie de teste, e eu falhara. Naquele momento, já não me importava mais. Não queria mais vê-lo, não queria queimar outra vez. Só queria minha antiga vida de volta, sem mais cavalos passeando entre pessoas e unicórnios de olhos vermelhos.

Talvez eu tenha escolhido a trilha errada, ou talvez aquele fosse o plano desde o começo. Tudo o que sei é que parei de andar quando senti que o chão sob meus pés estava esquentando e, após dar alguns passos para trás, a terra tremeu, e de uma rachadura no solo surgiu um redemoinho de fumaça tão vermelho que, por um segundo, tive medo de que o inferno estivesse chegando à terra. Não pude conter um grito de horror quando ele apareceu, mais assustador do que nunca, os dentes à mostra numa espécie estranha de sorriso diabólico, os lábios pegando fogo quando uma língua em chamas passou por eles.

Naquele instante, encarando seu olhar sombrio e maléfico, eu soube que estava morta. Talvez conseguisse escapar, mas sabia que nunca mais seria a mesma. E como poderia, depois de presenciar o chão se abrindo para que ele surgisse, parecendo vir dos confins do inferno? Deixei que meus olhos subissem para a Lua acima de nós, cerrei os dentes, preparando-me para o que iria acontecer, e fiz uma breve prece. Era pedir demais para não sentir dor, depois de praticamente implorar por ela?

Minha pele se arrepiou quando senti seu bafo quente em meu pescoço, e antes mesmo que pudesse impedir um soluço, as lágrimas já banhavam meu rosto. Quando seus dentes encontraram minha carne, gritei como se estivesse sendo queimada viva. Depois daquele dia, o mundo ficou vermelho.

Depois daquele dia, eu não fui mais a mesma. E nem poderia, considerando que já não mais via os unicórnios da maneira como costumava. Eles não eram fofos, mordíveis ou do bem. Eram criaturas assustadoras que ficavam envoltas em chamas porque era a única coisa que as mantinha vivas. Eram seres que escolhiam suas vítimas cuidadosamente, tomando o devido cuidado para transformá-las na Lua cheia.

Talvez pareça coisa de vampiro ou lobisomem, mas é ainda mais macabro. Naquela noite, eu me tornei um deles. Eu poderia dizer que foi a única vez que senti tanta dor na vida, porém, estaria mentindo. Voltara para minha vida antiga, tentando viver normalmente mesmo sabendo o

que me esperava toda Lua cheia. Eu ouvia e sentia o chamado de seus cascos batendo na terra e, quando percebia, já estava na floresta, me transformando.

Sei que é egocentrismo, mas não posso mencionar a transformação sem contar que, diferente dos outros unicórnios, minha pelagem é muito, mas muito clara. Sim, existem outros. Aparentemente, consigo ficar ainda mais insana. A primeira coisa que mudava eram os olhos. Eu deixava de ver o mundo da maneira “normal”, e passava a ver como se tivesse uma câmera de visão noturna instalada no cérebro, pois conseguia enxergar tudo. E o sangue fervia tanto nas veias que a visão se tornava vermelha. Não sei dizer a cor de meu chifre, já que ele ainda não possuía o tamanho normal para que pudesse vê-lo, mas sei que a pelagem era de um branco azulado, parecia brilhar à luz do luar.

Agora eu era um deles, passara pela transformação, e já podia caçar. Não sentia remorso em atormentar os sonhos alheios, muito menos quando havia alguma festa e podíamos nos passar por simples cavalos num carrossel. Era mais fácil para os outros se infiltrarem na floresta por conta da coloração de suas pelagens, mas eu era muito melhor em me esconder quando havia luz, então estava sempre por perto dos humanos. Meu lugar favorito, como já pontuei, era o carrossel. Mesmo sendo uma das atrações mais infantis de um parque e fazendo muito mal para quem sofre de labirintite, era o meu lugar favorito. A maneira como as luzes brilhavam, seguidas da música alegre que tocava nos alto-falantes.... Sem contar os sorrisos de todas as pessoas que subiam naquela geringonça. O que eu mais gostava, contudo, era da maneira como meus lábios sorriam sem que eu

percebesse, ao verem que ainda havia um resquício de humanidade em mim.

Em minha primeira caçada, naquele mesmo dia em que sofri a primeira transformação, eu me sentia energizada, por mais que meu corpo devesse doer como se tivesse sido moído e colado de volta. Não sentia mais medo do unicórnio ou do que quer que fosse me acontecer depois. Só queria caçar e, de alguma forma, sabia que voltaria a andar sobre duas patas logo. Só não sabia qual seria a sensação de fingir que tudo estava bem quando, na verdade, eu andava com monstros em chamas toda Lua cheia.

Aquele estranho grupo era agora minha família, e eu não podia decepcioná-los, por mais que, às vezes, sentisse que a cada vez que eu escolhia alguém para ser assombrado e depois transformado, uma parte de minha alma fosse levada embora.

Não é fácil encontrar uma presa. É necessário perambular pela noite até sentir uma vibração nas patas, e então, o desafio é encontrar o ser que faz aquela vibração chegar até nós. Deveria ser rápido, mas demorava mais do que eu poderia querer. Até então, eu havia sentido vibrações leves e algumas moderadas, nada tão forte a ponto de fazer meus olhos pegarem fogo como sempre acontecia com meu unicórnio negro. Sempre via suas pupilas dilatando até se tornarem chamas quando ele recebia alguma vibração, e sempre desejei que a mesma coisa acontecesse comigo.

Havia me separado do grupo quando os vi. Ou melhor, os senti. O formigamento passou de minhas patas até meu pequeno chifre, seguido por um calafrio que percorreu meu corpo e me fez arrepiar. Meus olhos pegaram fogo no instante em que encontrei meu primeiro alvo, parado em

frente a meu amado carrossel, e minhas patas me levaram até ele. Eram duas pessoas, mas apenas uma delas me enxergou, enquanto a outra continuou seu caminho, talvez indo para casa. Os olhos da primeira se arregalaram de pavor quando me viu aproximar, mas logo sua respiração se acalmou, e seus olhos se fecharam. Talvez estivesse sentindo as mesmas coisas que senti quando vi o unicórnio pela primeira vez. Senti o exato momento em que seu corpo se entregou e caiu de joelhos, os olhos ainda fechados, as pálpebras tremendo. Sabia que algo dentro de mim crescia cada vez mais, e não pude me controlar. Eu a transformei ali mesmo.

Já a outra pessoa, aquela que acompanhava minha presa.... Bem, um olhar do unicórnio preto me advertiu e, relutantemente, percebi que ele estava certo. Seria um desperdício transformar dois de uma vez. Sendo assim, deixei minha segunda presa para a próxima Lua cheia, quando eu sabia que estaria mais poderosa, considerando que havia acabado de sugar um pouco de uma nova alma humana. Eu já estava consideravelmente maior e sentia os olhos queimando mais intensamente do que minutos antes. Estava a um passo de ser melhor, só precisaria esperar mais. Só um pouco mais.

Ainda sou humana, não posso negar. Vivo meus dias como se fosse uma pessoa normal, mas anseio pela chegada da Lua cheia como se minha vida dependesse disso. E depende, na verdade. Torcendo as mãos de ansiedade, olho para cima, em direção à Lua. Está cheia, mas não posso me transformar até ouvir o som de cascos batendo no solo. Não ainda. Sei que eles estão quase chegando, só preciso aguentar mais um pouquinho. Quando o som finalmente chega em meus ouvidos, sinto meus lábios se

esticando sobre os dentes, num sorriso malicioso. É agora. Não acho que tenha percebido, mas você deixou uma janela aberta. Talvez seja a da cozinha, da sala ou até mesmo do seu quarto, não importa. O que importa é que meu corpo queima e labaredas sobem desde as patas até os olhos, que já encontraram seu alvo. Meu alvo é você. Só o que precisa fazer é olhar para fora.

**Sonho de uma
tarde de
inverno**

TIAGO VALENTE

– Aline... Beatriz... Bianca... – Lucileide, a professora, continua a entregar os crachás conforme lê cada nome, apoiando-se na porta que separa o motorista dos passageiros. O balançar do ônibus, as cortinas nas janelas que bloqueiam a luz do sol das sete horas da manhã e a monótona voz da professora de matemática contribuem para o meu estado de torpor causado pela noite mal dormida. Minhas pálpebras querem cair sobre meus olhos e me levar para o reino dos sonhos, mas me esforço para manter a consciência e continuar desperto. Bianca volta a sentar-se ao meu lado, depois de buscar seu crachá, reabrindo o livro que tinha escolhido para a viagem. Algum romance da moda, recém adaptado para o cinema, que ela lê com interesse, movendo as sobrancelhas conforme as reações dos personagens. Nos bancos à minha frente, Gabriel, meu melhor amigo, balança a cabeça de um lado para o outro acompanhando o ritmo das bandas de rock que costuma ouvir. Acompanho o movimento com os olhos, sendo suficiente para não conseguir resistir mais. Minha cabeça pende para trás, minha boca se abre ao mesmo tempo em que meus olhos se fecham e o mundo se escurece.

– Caiol!

O empurrão de Bianca é suficiente para me despertar assustado. Olho para os lados e todos estão ajoelhados nas poltronas, olhando diretamente para mim. Os lábios tentam segurar uma risada. Olho para a frente receoso e, como esperava, vejo Lucileide com os braços cruzados, a testa franzida, os olhos encarando os meus.

– Seu crachá – ela diz, séria. Na caminhada até ela, os olhares dos alunos me seguem. Mantenho a cabeça baixa, sentindo minhas bochechas corarem.

– Desculpe se te assustei – diz Bianca, sem parar de ler, quando retorno para o meu assento.

– Tudo bem.

Encaro a paisagem na janela, ignorando os comentários que consigo ouvir, já que provavelmente são sobre mim.

– Ei – Bianca me chama, usando seu tom frio de sempre. – Me pediram para te entregar isso. – Ela me estende uma folha de caderno amassada em uma bolinha. – Não sei o que é.

Desconfiado, desdobro o papel.

Não consigo deixar de contrair os ombros depois de confirmar minha suspeita. Desenhado com um lápis preto, estou eu representado por um boneco tosco de palito, rodeado por outros 6 menores. Em garranchos maiúsculos, sobre minha cabeça está meu apelido: SONECA.

Amasso os anões, mas mantenho a folha de caderno nas minhas mãos. Pela visão periférica, consigo ver Matheus e Roberta fazendo força para não emitirem escandalosas risadas, como sempre fazem depois das piadas e pegadinhas. A professora aproxima-se do meu assento e cochicha para Bianca, com um olhar severo.

– Lembre-se por que te coloquei aqui.

Bianca apenas assente.

Sendo famoso por dormir durante as aulas, provas, intervalos e até na sala de espera da diretoria, Lucileide acredita estar fazendo um ato de

caridade ao colocar a menina mais dedicada da sala ao meu lado, para que ela me mantenha desperto. Nenhum dos dois está contente com a decisão, pois não posso conversar com Gabriel e ela não pode conversar com seus amigos (embora eu duvide que tenha algum, já que sempre está sozinha, acompanhada por algum livro).

– Dormiu mal essa noite de novo? – Gabriel me pergunta, quando me encontra do lado de fora do ônibus. Seu interesse pela resposta é interrompido pela visão da imponente roda-gigante, símbolo do parque. – Uau! – Seus olhos se arregalam.

– Da hora! – Digo rapidamente, fugindo da pergunta anterior.

Mostrando nossos crachás para uma funcionária sorridente do parque, passamos as catracas e a professora dá os avisos finais.

– Então nós nos encontraremos às 17 horas, *em ponto*, aqui na entrada. O ônibus sairá às 17 horas e 15 minutos e quem não estiver nele pode telefonar para os pais para que eles venham buscá-los. Não comprometam o nome do colégio, não quebrem nenhuma regra do parque, nem se envolvam em brigas ou confusões. O número do meu celular está no verso dos crachás. Me liguem somente se for extremamente necessário. – Ela dá um último olhar intimidador em nossa direção, antes de abaixar a cabeça e estender os braços, permitindo nossa passagem. Uma manada apressada de alunos começa a preencher as filas dos brinquedos mais concorridos.

Corro ao lado de Gabriel, sem destino certo.

– Aonde nós vamos primeiro? – ele pergunta ofegante.

– Que tal a montanha-russa de gelo? – Aponto para a fila mais próxima. Diminuímos os passos e assumimos nossos lugares, atrás dos últimos da fila. *Inverno em São Paulo* é um brinquedo conhecido e concorrido, uma montanha-russa coberta na qual, durante o trajeto do carrinho, é possível ver uma espécie de maquete em tamanho real, uma reprodução da Avenida Paulista completamente congelada.

– Será que é gelo de verdade? – Gabriel pergunta.

Os trilhos e carrinhos transparentes, um pouco azulados, e a escassa fumaça provavelmente produzida por gelo seco me fazem duvidar se ele está realmente falando sério, mas antes que eu possa dar qualquer resposta, Matheus e Roberta juntam-se à fila, atrás de nós. Eles conversam animados, interrompendo o assunto quando percebem nossa presença.

– Iiih! Cuidado pro frio não te deixar com soninho, hein, Caio! – Matheus ri da própria piada, sendo acompanhado por Roberta logo depois.

– Se ele é o Soneca, você só pode ser o Zangado! – diz Gabriel, irritado.

Matheus e Roberta se entreolham, tentando entender se aquilo tratava-se de um insulto, ou pelo menos da tentativa de um, antes de voltarem a rir até perderem o fôlego. Acredito que Gabriel tenha alguma espécie de bloqueio, que o impede de pensar direito quando fica nervoso.

– Vamos para outra fila... – digo, sem graça.

Vamos até onde um funcionário do parque, que usa um boné com hélices e distribui um folheto das atrações e brinquedos. Seus olhos são de

um azul extremamente claro, e os dentes claros e brancos contrastam com sua pele queimada e enrugada pela idade.

– Não deixem de conferir o show da *Sereia Azul*! – Ele aponta para uma lista lateral, com os horários e locais de todos os shows, antes de entregar um folheto para cada um. Em seu crachá leio: *Olá, meu nome é Nereu!* – No Teatro Aquático, daqui a pouco! – Ele me encara com um olhar arregalado.

– Obrigado – agradeço, um pouco tímido.

Quando começo a me afastar, ele segura meu braço com força.

– Você não vai se arrepender. – Sua voz assume um tom grave e intimidador. – Ela estará esperando por vocês! – Seus olhos continuam fixos nos meus, sem piscar ou vacilar um único segundo. Faço o mesmo e não desvio o olhar, apenas assinto com a cabeça. Ele espera alguns segundos antes de soltar meu braço.

Gabriel se afasta rapidamente, claramente assustado e saímos de perto em passos largos e rápidos.

– O que foi isso? – ele pergunta.

– Sei lá...

– Nereu... Que nome mais esquisito! – ele ri, ainda um pouco confuso e assustado.

– Um pouco. Mas o show parece interessante de verdade! – O folheto traz a impressão de um desenho em aquarela da Sereia Azul, que tem esse nome não por causa da cor de sua pele, mas sim de seus cabelos, azuis como o céu do meio-dia no verão. Do mesmo tom de azul, um notável diamante está pendurado pelo pescoço. Sua cauda dourada, parece

reluzir e transcender a opacidade do papel. Com um sorriso misterioso, ela estende a mão direita, tocando a cabeça de um golfinho que parece encantado por sua presença. Assim como eu.

– A gente tem que ir no cinema 4D de terror! Vão passar um trecho de *O Retorno do Zumbi: Parte 7!* – Ele aponta para outro anúncio, a fotografia de um cinema onde a mão deteriorada de um zumbi ultrapassa os limites da tela, assustando a todos na plateia.

– Você já viu esse filme umas quinze vezes, as únicas diferenças são os óculos e a cadeira que se mexe. – Eu paro abruptamente de andar, e fico de frente a ele, usando meu tom mais convincente. – O show vai ser legal! Vai valer a pena, eu juro!

Ele suspira antes de considerar mais uma vez e, enfim, concordar com a cabeça, percebendo ser inútil protestar.

Sinto-me mais desperto do que nunca.

Chegamos ao teatro aquático, impressionados pela fila. Não por seu tamanho, mas por sua inexistência, cinco minutos antes do início do show. Gabriel dá uma espiada na entrada do cinema 4D, exatamente em frente ao teatro, e percebo um arrependimento em seu olhar por não fazer parte da fila que agrega cerca de cem adolescentes, ansiosos por alguns sustos.

– Espero que esse show seja muito bom! – ele diz, mas não consigo concordar, já que eu mesmo não entendo meu tamanho interesse pela atração.

– Vamos! – digo, quando as portas se abrem, permitindo nossa entrada.

A luz do sol que iluminava nossos rostos até então, desaparece quando adentramos o corredor que antecede a plateia. Desaceleramos os passos por conta do escuro, mas aos poucos algumas formas brilhantes e azuis se revelam nas paredes. Percebo que são silhuetas de peixes, iluminadas por algum tipo de luz fluorescente. Avançando mais um pouco, luzes fracas indicam os degraus de uma escada. Nossos olhos começam a se acostumar ao escuro, e percebo que chegamos à plateia. Deço rapidamente até a primeira fileira, escolhendo assentos centrais para nós.

– Ei! – Gabriel chama minha atenção, sussurrando. – Ainda dá tempo de ir pro *Retorno do Zumbi*, se a gente correr...

– Cara, se você quiser ir, tudo bem. Mesmo! Eu vou ficar bem aqui.

Ele parece desistir da ideia, e ouvimos passos descendo os degraus pelos quais havíamos passado.

– Não achei que fosse encontrar mais alguém aqui. – Ouço a voz de Bianca, e nos viramos para vê-la, descendo a escada sozinha, o que aumenta a certeza na minha teoria de ela não ter tantos amigos. Ela senta-se ao lado de Gabriel. – Todos parecem tão obcecados pelos zumbis...

– É que na Parte 7 a gente descobre que o Rei Camafeu, na verdade é um espião do Clã da...

– Vocês também conheceram o Nereu? – Ela aponta para o folheto em nossas mãos e percebo que ela possui um igual.

– Sim – afirmo.

– Sinistro, né?

– Sinistro mesmo é quando o zumbi pega o machado e...

– Parece que o show vai começar! – interrompo meu amigo, quando um holofote ilumina a cortina vermelha, que se abre após um tempo, revelando um palco nu.

O holofote permanece iluminando o mesmo ponto, mas nada acontece. Alguns segundos de silêncio e expectativa, que se prolongam até estranharmos.

– Será que aconteceu alguma coisa? – Bianca pergunta.

Como se respondesse à pergunta de Bianca, do fundo do palco vemos a Sereia Azul surgindo, ao mesmo tempo que um instrumental triunfal se inicia. Sentada em uma pedra cinza, ela tem os dois braços estendidos. O brilho de seus olhos e de sua cauda parece muito mais opaco e sem graça do que o folheto prometia. O azul de seu cabelo não é tão impressionante quanto o esperado. A visão periférica me permite ver uma centelha de decepção nos olhos de Gabriel e na queda dos ombros de Bianca. Quando a sereia finalmente começa a emitir seu canto, alguns peixes e golfinhos atravessam o fundo do palco lentamente, enquanto o cenário se ilumina, revelando o fundo do mar, rico em plantas, pedras e seres marinhos. Algum efeito cênico dá a impressão de tratar-se de um aquário gigante de beleza indiscutível. Entretanto, a voz emitida se opõe à imagem estonteante da sereia, já que as notas sem letra soam desafinadas e desarmônicas ao resto da melodia. Nós três parecemos hipnotizados, mas pelos motivos errados.

A música chega ao seu clímax, e as notas da Sereia Azul ficam mais agudas, metálicas e estridentes. Aos poucos, ela parece não aguentar mais sustentá-las, o que faz com que sua voz falhe por diversas vezes. Entre

Ooohs e *Aaaahs* percebo que em momento algum seu maxilar havia se movido e seus braços permaneciam estáticos, sem ao menos vacilar pelo tempo em que estavam estendidos. Gabriel me lança um olhar confuso e apenas dou de ombros. Quase ao final da música, a Sereia parece estar se aproximando de nós, mas após alguns segundos percebo que ela está caindo aos poucos, embora não esboce nenhuma reação pela queda.

Bianca não consegue evitar um grito de surpresa quando descobrimos que, até o momento, estávamos ouvindo a voz de uma velha senhora, que não deve ter mais de um metro de altura e aparentemente cem anos, escondida atrás da figura da Sereia Azul, feita de papelão e isopor.

– Vocês me desculpem, mas ela não aceita se apresentar sem o diamante azul! – diz a senhora, que descobrimos chamar-se Carlota, já de volta à entrada do teatro. – O roubo foi uma tragédia, de fato. Já faz três dias que ela está trancada em seu camarim, alimentando-se apenas das próprias lágrimas.

– Mas vocês não têm nenhuma ideia de quem seja o ladrão ou de onde ele esteja? – Bianca pergunta.

– Claro que sabemos. Foi o Duende Roxo! – Carlota diz, como se fosse óbvio. Sua voz é grave, rouca e soprosa, o que explica a dificuldade na tentativa de reproduzir os agudos da Sereia. – Zangado por ela lhe ter

recusado um beijo, ele roubou a pedra, um presente de Netuno, e a escondeu no monte mais alto do parque.

– Duende Roxo? – Gabriel pergunta.

– Isso tudo é parte do espetáculo? – Bianca também parece intrigada. – Vai ter alguma caça ao tesouro relacionada a isso? – Carlota apenas a encara, confusa. – Digo, ela sabe que não é uma sereia de verdade, certo? Deve ser apenas uma atriz...

– Se a Sereia Azul não é uma sereia de verdade, eu não sei o que é. – A senhora parece um pouco ofendida, mas não hesita em sua resposta. – Nós nos conhecemos no Mar Egeu, há 97 anos, e nunca vi seu brilho tão apagado quanto nos últimos dias. Agora, se me permitem, temo que os peixes estejam famintos após o show e é minha função mantê-los em forma para todas as sessões.

– Eu falei que a gente devia ter ido no cinema 4D! – Gabriel reclama, depois que Carlota se retira.

– Talvez a gente consiga entrar na próxima sessão. – Bianca, arrependida, dá uma espiada nos nossos colegas de sala e outros visitantes do parque que saem empolgados da sessão recém-terminada, no cinema em frente. Um grupo de garotos imita os zumbis do filme, assustando as garotas mais próximas.

– Nós vamos recuperar esse diamante – digo com convicção.

– O quê? – Gabriel pergunta, incrédulo. – Você não acreditou no que ela disse, acreditou?

– Por que ela mentiria? – Olho para o desenho da Sereia no folheto e não tenho dúvida alguma da veracidade do roubo. – Ele escondeu a

pedra no monte mais alto do parque... – Repito lentamente as palavras de Carlota e olho para a linha do horizonte, tentando encontrar alguma espécie de monte.

– Caio, você só pode estar brincando... – Bianca chama minha atenção, puxando-me pelo braço. Apenas a ignoro.

– Não tem monte nenhum... – Frustrado, ouço o barulho de alguém vomitando. Nós três nos viramos, a tempo de ver Roberta com uma lata de lixo do parque na mão, preenchendo-a de vômito. Seus amigos riem descontroladamente. Entre todos os alunos da nossa sala, vejo Miguel passando uma nota de dez reais para João, provavelmente pagando alguma aposta. Matheus é o único que apoia Roberta, cujo rosto já adquiriu um tom esverdeado. Entre um jato e outro de vômito, ela tenta se explicar.

– Eu odeio... – Ela fecha a boca pela sensação de ânsia e continua apenas quando consegue respirar novamente. – Montanha-russa!

– Eu falei pra você não ir! – Matheus protesta.

– Eles duvidaram de mim. – Ela vomita mais uma vez.

– Montanha-russa. – Uma lâmpada parece se acender em minha mente. – É isso! Talvez não seja um monte de terra, mas uma montanha-russa!

Olho empolgado para Gabriel e Bianca, eles parecem preocupados.

– Olha, Caio... – Bianca tenta me convencer novamente a desistir.

– Qual a maior montanha-russa do parque? – Abro o folheto com as atrações novamente, atentando-me aos brinquedos radicais. No topo da lista, recebendo mais atenção, está *Inverno em São Paulo*. Ao lado do nome,

uma pequena descrição: *Atravesse o pior inverno da cidade de São Paulo em alta velocidade, na maior montanha-russa do país!*

– Com licença! – digo, empurrando meu corpo para frente, um pouco mais grosseiro do que esperava.

– Ei! Onde você pensa que vai? – Uma garota gótica, com camiseta de banda de punk rock, cabelo roxo e cara de poucos amigos, me encara como se pudesse queimar meus olhos com os seus. – Eu estou há três horas na fila!

– Desculpa! Mas é questão de vida ou morte! – Bianca e Gabriel juntam-se a mim, quando terminamos de atravessar toda a quilométrica fila do brinquedo.

– O quê? – ela diz, impacientemente.

– A Sereia Azul... – Pego o folheto para mostrar a propaganda do show. – Essa aqui. Ela perdeu esse diamante do colar. Parece que um duende o trouxe até essa montanha-russa e a gente precisa recuperá-lo!

– Ele tem algum problema mental? – ela não pergunta para mim, mas para Bianca.

– Sem dúvida. – Gabriel responde por ela, com total convicção.

– Os últimos lugares do carrinho ainda estão vagos. – O funcionário do parque responsável pela atração aproxima-se de nós. Seu crachá diz: *Olá, meu nome é Luan!* – Quem são os próximos?

– Nós! Vamos! – Sem hesitar, passo pelo funcionário em direção ao carrinho azul, cujos últimos três lugares permaneciam vazios. Olho para trás, certificando-me de que Gabriel e Bianca estejam me seguindo. Ouço a garota roqueira furiosa gritando com Luan, exagerando sua permanência na fila para quatro horas, e exigindo nossa retirada do brinquedo. Mas já é tarde demais. Acomodo-me no lugar da ponta e, depois de Bianca ocupar o banco do meio e Gabriel a outra ponta, abaixo a barra responsável pela trava de segurança, que segura nossas pernas e ativa o carrinho.

Começamos o trajeto lentamente e aos poucos perdemos a visão pela quantidade de fumaça produzida pelo brinquedo, que simula o início de uma nevasca.

– E o que a gente faz agora? – Gabriel pergunta, parecendo um pouco assustado.

– Temos que esperar chegar ao ponto mais alto. – Aumento o volume da minha voz, tentando sobrepô-la ao som das rodas nos trilhos. – No caminho para cá, li que a montanha possui 3 quedas principais – A velocidade do carrinho aumenta e torno-me praticamente inaudível. Do ponto onde estamos é possível ver diversas estantes da principal livraria da Avenida Paulista e seus livros completamente congelados. – Quando chegarmos a maior dela, à nossa direita estará o MASP.

Meu coração acelera enquanto subimos rumo à primeira queda, a menor delas. É possível sentir no ar a expectativa de todos.

– E quando nós chegarmos lá? – dessa vez, é Bianca quem pergunta.

Penso em uma resposta, mas sou interrompido pelos gritos causados pela queda, incluindo o meu próprio. O vento atinge meu rosto com força e por um momento sinto que minha cabeça será arrancada do pescoço e meus tímpanos estourarão, mas tento permanecer concentrado. Entre um cenário e outro, passamos por túneis escuros. Conforme a velocidade vai diminuindo e os participantes se acalmando, foco meu olhar no fim do túnel, que revela um novo marco da avenida aos poucos. Dessa vez, o Parque Trianon apresenta árvores com troncos altos e folhas congeladas.

– Você não respondeu à minha pergunta! – Bianca grita, mas continuo ignorando-a, já que nem eu mesmo sei a resposta.

Os gritos retornam na segunda queda, dessa vez mais intensos já que essa é um pouco mais alta do que a anterior. Seguro a barra de segurança com força, até meus dedos começarem a doer.

Após algumas curvas, a velocidade volta a diminuir e a terceira e última subida se inicia. Minha noção de tempo parece se alterar, quando os flocos de neve nas janelas do MASP tornam-se visíveis à nossa direita. É uma espécie de fotografia em alto relevo, que reproduz o reflexo das janelas com perfeição. Na parede de fundo, o céu azul de São Paulo dá profundidade ao cenário. No topo do prédio, em cima de um dos famosos pilares vermelhos, entre diversos fractais, vejo algo reluzir de forma mais intensa.

– Ali! – Gabriel estende o braço, apontando para o diamante. –
Você tinha razão!

– É alto demais! – Bianca diz, é possível notar surpresa em sua voz.
– Mesmo no topo da subida, não estaremos nem próximos dele...

A última subida é a maior, assim como a última queda, mas não consigo discordar dela. Meus ombros caem de frustração quando percebo que a única forma de alcançar seria estar alguns centímetros mais alto.

Lembro-me então de um sonho que tive, durante uma aula de geografia. Em cima de um prédio muito alto, consigo ter uma ampla visão da cidade. Aos poucos, fico nas pontas dos pés e estico meus braços. Com um pouco de esforço, consigo encostar na nuvem mais próxima, sentindo sua textura leve e úmida. Um dos poucos sonhos que consigo recordar.

Sinto um frio na barriga e meu coração volta a acelerar quando uma ideia aparentemente inconsequente e arriscada se forma em minha mente.

Utilizo o pé direito para impulsionar o tênis do pé esquerdo para fora, e vice-versa. Encolho ambos os pés e subo os joelhos aos poucos, tentando inutilmente passá-los pela barra de segurança, que pressiona minhas coxas com força.

Penso em desistir, mas a imagem da Sereia Azul alimentando-se de suas próprias lágrimas, conforme Carlota havia narrado, volta à minha mente. A tristeza em seus olhos se ilumina em minha imaginação.

– Me puxe! – Grito para Gabriel ao meu lado. Ele demora alguns segundos para entender, e mais alguns outros para aceitar colaborar com minha loucura. Seguro minhas mãos nas dele com força, que impulsiona o tronco para trás. Percebendo nossa movimentação, Bianca passa os braços

pela trava e puxa a cintura de Gabriel, conseguindo uma maior força para nós. Aos poucos, sinto minhas pernas subindo e quanto me dou conta, meus joelhos estão dobrados e meus pés tocam o banco do carrinho, que está quase no ponto mais alto da subida.

– Você é louco! – Bianca grita, com medo. – Mas é melhor ir rápido!

Meu coração parece querer sair pela boca. Seguro com as duas mãos o encosto do banco e me impulsiono para cima, ficando de pé sem nenhuma segurança. Faltam poucos segundos para a queda, solto uma das mãos e estico meu braço o máximo que posso, alcançando o topo do pilar vermelho. Com as pontas dos dedos, seguro as faces lisas e brilhantes da pedra, agarrando-a com força.

A descida se inicia.

Meu corpo se desequilibra e posso jurar ter visto um pequeno ser roxo me observando com raiva, antes de perder a consciência.

– Não sei como lhe agradecer. – O dourado da cauda é surreal. Os fios de cabelo azuis caem com perfeição pelos ombros. Aproveito cada segundo para gravar os mínimos detalhes em minha mente. O par de olhos brilhantes encaram os meus, de forma hipnotizadora. Os pequenos lábios rosados emitem cada palavra como se fossem poesia. – Sem esse diamante, eu não sei o que seria de mim. – Ela admira e acaricia a pedra por alguns instantes, antes de olhar novamente para nós.

Vejo Bianca espiando o suposto camarim, que é uma espécie de praia interna. Um espaçoso salão preenchido por água até a metade, repleto de pedras dos mais variados tamanhos, onde algumas ondas quebram inexplicavelmente, já que não há vento algum. Na maior das pedras, a Sereia Azul respira aliviada após nosso resgate.

– Era o mínimo que podíamos ter feito – digo, humildemente, esfregando os pés descalços na areia.

– Você arriscou sua vida por mim! – diz a Sereia.

– Ainda bem que a gente estava lá para te segurar – Gabriel acrescenta.

– Foi loucura! Por pouco você não caiu do topo da montanha! Se a gente não tivesse segurado seus braços a tempo... – Sem terminar a frase, a voz de Bianca soa um pouco confusa. – Eu ainda não consigo acreditar.

– Eu consigo! – A Sereia inclina-se um pouco para frente, aproximando-se de nós três. – Me espanta não terem percebido nada de incomum nas últimas horas. – Nos entreolhamos, ainda sem respostas. – Nós sereias somos conhecidas pela beleza, mas principalmente por uma habilidade específica. A hipnose! Já que não posso me locomover como vocês – ela aponta para a própria cauda –, o único jeito de recuperar o diamante seria com a ajuda de um humano. O Duende Roxo perceberia a presença de Carlota de longe, então precisei pedir ajuda a um colega tão experiente em hipnose quanto eu, para convencer algum visitante.

Ela levanta as pálpebras o máximo que pode, fazendo o azul claro de seu olhar brilhar. Descubro então o momento exato do feitiço. Minha mente me leva de volta à nossa chegada ao parque, quando Nereu, o

estranho funcionário que foi tão insistente em conseguir nossa presença no show, nos encarava com grandes olhos da mesma coloração.

– Nereu... – Digo compreendendo.

– O deus dos mares. – A Sereia Azul explica, antes de esboçar um sorriso.

– Ei! – Carlota, que até então estava calada, mas presente, chama a atenção de todos.

– Carlota também desempenhou sua função muito bem, revelando a missão para vocês! – A senhora parece satisfeita pelo reconhecimento da Sereia, que volta a se dirigir a mim. – E agora, como forma de retribuição, eu lhe concedo um desejo!

– Desejo? – pergunto, espantado.

– Pode ser qualquer coisa – a Sereia explica.

– Pense bem! – instrui Bianca, demonstrando-se agora feliz pela minha conquista.

– Pede para não ser atacado por zumbis! – Gabriel sugere.

Abaixo o olhar, incrédulo pela oportunidade. Minha mente viaja entre todos meus sonhos e vontades e me sinto incapaz de escolher apenas um, até que a lembrança dos acontecimentos recentes, me faz não ter dúvida do desejo ideal.

– Eu desejo não sentir mais sono. Desejo não ter que dormir nunca mais – digo com convicção, sentindo meus olhos brilharem com a ideia de estar sempre desperto. Além do tempo adicional que eu teria, ninguém na classe teria qualquer motivo para rir de mim.

– Tem certeza?

Bianca e Gabriel permanecem mudos. Assinto com a cabeça.

– Bom, se é isso que deseja... – Ela faz um sinal com a mão para que eu me aproxime. Dou passos lentos, um pouco assustado.

Suas mãos macias tocam meu pescoço e ela aproxima seu rosto do meu. Sinto seus lábios gelados tocando minha bochecha e o mundo parece explodir.

– Caió! – O empurrão de Bianca é suficiente para me fazer despertar assustado. Olho para os lados e todos estão ajoelhados nas poltronas do ônibus, olhando diretamente para mim. Os lábios tentam segurar uma risada. Olho para a frente receoso e, como esperava, vejo Lucileide com os braços cruzados, a testa franzida, os olhos encarando os meus.

– Seu crachá. – Ela diz, séria.

Caminho até ela, assustado.

Um sonho.

Foi tudo um sonho.

Minhas pernas tremem quando percebo que nenhuma aventura daquele dia havia sido real.

– Desculpe se te assustei – diz Bianca, sem parar de ler, quando retorno para o meu assento.

– Tudo bem.

Encaro a paisagem na janela, enquanto a imagem da Sereia Azul ainda é nítida na minha mente.

– Não pode ser! – sussurro.

– Eil – Bianca me chama, usando seu tom frio de sempre, como se não tivéssemos passado por tudo aquilo... E talvez realmente não tenhamos. – Me pediram para te entregar isso. – Ela me estende uma folha de caderno amassada em uma bolinha. – Não sei o que é.

Considero deixá-lo amassado, já que conheço seu conteúdo, mas algo me faz desdobrá-lo. Não consigo evitar o largo sorriso quando não vejo o esperado desenho dos anões.

Desenhada com uma tinta prateada, está a Sereia Azul sentada em uma pedra, como no final de meu sonho. Talvez pelo balançar do ônibus, ou pelo atordoamento causado pelo sono, sou capaz de jurar que depois de alguns segundos observando o desenho, a Sereia pisca para mim e abre um sorriso satisfeito. Meus olhos caminham pelo seu rosto, descendo até o grande diamante azul que pende em seu pescoço. Em vez do nome do anão sonolento, ao final da folha há algo escrito em uma letra adornada. Aproximando-a do meu rosto, consigo ler:

Obrigada.

E mais embaixo:

Não deixe de assistir ao filme dos zumbis!

**Não se volta da
Terra de
Enurese**

DIOGO MARINS LOCCI

Já iam oito anos desde que Ney não visitava um parque de diversões. Precisou olhar para todos os lados, exercitar a lembrança do que são os 360 graus que criam uma paisagem para entender que aquilo era mesmo real.

“Esse parque tem tema?”, perguntou-se. “Esse parque tem quantos brinquedos? Ele é mais pra adulto ou pra criança?”, e decidiu apressar o passo para fazer as descobertas. Com dezesseis anos, essa seria a primeira vez que desvendaria sozinho um espaço totalmente novo.

Não havia memória prévia de alguém que tivesse lhe contado a respeito do parque. Não havia também fotografias na internet, um vídeo no YouTube, um *instastory*, um *snap* ou qualquer outra ferramenta que o tivesse apresentado a “imprevisível e infalível **Terra de Enurese**”, mensagem inscrita em uma placa de madeira pintada a mão, com a chapa torta, pendendo para a direita como se as placas também pudessem lamentar. Ney apressou o passo e chegou ao primeiro brinquedo.

Smokito

Composto por duas espécies de ônibus que ficavam um de frente para o outro, o movimento do Smokito consistia na subida lenta dos dois vagões e na queda rápida de cada um para um lado, fazendo com só se encontrassem novamente no solo e subissem outra vez, concluindo a rota de idas e voltas em oito turnos. Na primeira subida, Ney notou que um tubo grosso expelia fumaça preta no ônibus da frente. Na segunda subida, começou a engasgar. Olhou para o lado direito e percebeu que seu ônibus

também tinha um tubo que soltava a mesma fumaça. Na terceira e quarta queda, percebeu que as pessoas nos dois ônibus gritavam bem menos do que nas primeiras duas, tentando em vão evitar a inalação da fumaça.

Da quinta até a última rota, o brinquedo subia muito devagar, reservando tosses ásperas a todos, mas descia quase em queda livre, tornando inevitável o grito acompanhado de uma inalação muito profunda. Sem exceções, os usuários desceram do Smokito tossindo as tripas. Ney correu até o operador do brinquedo injuriado:

– Ei, você! Eu tenho asma.

– Ei, você! Eu tenho caspa! – E riu como tolo na cara do menino.

– Acabou?

– Sim, acabou. Eu já cansei de rir. Você já cansou de tossir também? – encarou o operador.

– Por que vocês não viraram aquele tubo para fora do brinquedo?

– E quem vai limpar o Smokito?

– Como assim?

– Se a gente coloca o tubo para fora, imagina como o céu ia ficar preto lá em cima.

– Mas isso não é problema nosso! Vocês tinham que dar um jeito de soltar menos fumaça se não querem virar o tubo pra fora.

– Não tem como. Se você não gosta do brinquedo, é só não entrar nele, oras. Assim é mais fácil.

Ney saiu da cabine mais aporrinhado do que quando entrou. Não quis mais olhar para a cara do operador. Andou mais alguns minutos e parou na nova fila.

Zip Pluft

Um barco levava os visitantes até uma pequena montanha, onde havia uma extensão secreta da atração “reservada apenas aos corajosos que enfrentassem o turbulento passeio a barco”, dizia uma placa sustentada por um funcionário vestido de ladrão (pelo menos é o que a roupa listrada de preto e branco parecia anunciar) e que realmente parecia cumprir uma pena severa pelo desinteresse no seu ofício.

Ao chegar no barco, um pirata gritava escandaloso um monte de ordens, ondas artificiais alcançavam a proa do barco e monstros de plástico saíam da água representando uma ameaça tosca de não dar medo em ninguém. Ao concluírem a primeira etapa do passeio, os tripulantes tinham que descer e escalar a montanha para desfechar a rota da atração. “Eu tenho medo de altura”, disse um dos que estavam a bordo. O pirata foi até ele e o chamou em um canto. Tirou o chapéu e a voz se tornou branda pela primeira vez:

– Senhor, eu assumo que você leu todas informações do seu bilhete, correto?

– Li, sim. Por quê?

– Então você leu a cláusula sobre quem não termina de brincar no Zip Pluft?

– Não me lembro exatamente dessa parte. Onde está isso?

– Bem aqui. – Apontou uma linha fina no rodapé do convite com a ponta do gancho que substituíra a mão esquerda.

– Eu não consigo ler isso. O que diz aqui?

– “Concordo que se eu não for capaz de finalizar a rota do Zip Pluft, deverei atuar como uma das peças de entretenimento da atração”.

– Como assim? Eu não concordo com isso.

– Você teve que concordar com isso para emitir esse ingresso, campeão. Toma sua roupinha – E pôs nas mãos do homem uma imensa fantasia de polvo. Quando ele ensejou um protesto, dois homens robustos surgiram por trás e o levaram para longe dos demais tripulantes, que não deram por sua falta – exceto Ney, que foi o último a escalar a montanha e ouviu tudo apavorado e com remorso por não ter ajudado em nada o novo polvo da atração.

Lá em cima havia um aparato de tirolesa que terminava a rota no outro lado da Terra de Enurese. O primeiro visitante correu, ansioso para o voo. No meio do trajeto, qual foi o espanto das outras pessoas a notarem que a tirolesa fazia o passageiro despencar no meio do trajeto, tendo que completar a rota nadando contra as ondas artificiais até o outro lado do parque.

O público, de modo geral, adorou a novidade. Ney era o antepenúltimo da fila e, à sua frente, havia um senhor que falou tímido ao pirata:

– Moço, tem como pedir para na minha vez o brinquedo ir até o final? É que eu não sei nadar – finalizou aos cochichos.

– O seu ingresso está com você?

– Sim, bem aqui – suspendeu o homem, com sorriso largo.

– Temo que o senhor não leu as letras pequenas abaixo dessas letrinhas aqui, certo? – Apontou com a ponta do seu gancho as microletras abaixo das frases pequenas que obrigavam os frequentadores a entreter os outros participantes do Zip Pluft.

– Não, senhor. Isso aqui são palavras? Para mim é um enfeite, uma borda preta do ingresso.

– Então é melhor comprar óculos novos – brincou o pirata mexendo nas lentes imensas do senhor. – Mas eu vou ler para você: “Caso o usuário do Zip Pluft não saiba nadar ou desista da brincadeira, será resgatado na água por um funcionário e levado para as imediações do controle central da Terra de Enurese, tendo que prestar assistência aos demais clientes na criação das ondas artificiais. A escolha também implica na anulação do direito de adentrar em outros brinquedos do parque até o fim do dia”.

– Você leu isso tudo aí nesse espaço? Deixa de mentira, rapaz.

– Está bem aqui, o senhor precisa prestar atenção.

– Olha, você vai me desculpar, mas eu não vou participar dessa porcária e... Ei, me solta!

Mas já era tarde. Dois funcionários posicionaram o senhor na tirolesa, de onde ele desfilou gritando pela corda e caiu de barriga na água, sendo imediatamente recolhido por dois brutamontes que o levaram para a central de atendimento, onde precisou auxiliar nas engrenagens que produziam ondas artificiais até o término do expediente local.

Ney ficou atônito e mal pôde curtir a sua vez. Desabou na água, nadou até a superfície e ficou incomodado por não terem avisado da

aguaceira toda antes de entrar no brinquedo. Teria que finalizar o dia no parque encharcado.

A decepção foi deixada de lado ao se deparar com o próximo brinquedo. A fila era longa; portanto, cogitou que o tempo nela seria capaz de secá-lo por completo.

Bikuda

Considerado por alguns o brinquedo mais sem graça dali, a Bikuda de fato era uma atração sem radicalismos e que ainda dava uma prenda para os vencedores, além de marcar um bom momento do dia para se secar com tranquilidade, já que a atividade acontecia ao ar livre e tinha a típica fila longa, composta principalmente por crianças que não tinham altura suficiente para a maior parte dos brinquedos da Terra de Enurese. Da sua altura da fila, Ney observava saírem do brinquedo os ganhadores e os perdedores, uns com seus presentes nas mãos e os outros desolados, andando com passos tímidos em busca de um outro brinquedo que os fizessem esquecer da derrota.

Chegou a vez de Ney, que fazia parte de um grupo de cinco. As regras eram simples. Um passarinho de plástico amarrado em um fio de *nylon* voava a frente de uma parede pintada de selva amazônica de um lado para o outro. Os cinco participantes ficavam posicionados à frente de cinco blocos retráteis de tamanhos diferentes que subiam e desciam até alturas diferentes, mas sempre na mesma ordem. Ganhava quem acertasse primeiro a pedra no passarinho. “Se ele morrer...”, completava o instrutor,

informando a Ney que o pássaro não era de plástico, mas, sim, um bicho esfomeado que vagava de um lado ao outro buscado por alpiste que era colocado e tirado por outros instrutores que estavam na lateral de Bikuda, “o vencedor não apenas perde o direito à vitória, como também deverá arcar com o custo de um novo pássaro. Sendo assim, aconselho que todos tenham cuidado ao lançarem suas pedras. Alguma dúvida?”

– Sim! – gritou um menino com quase a metade da altura de Ney. – Eu posso trocar de lugar com alguém?

– Não – decretou o instrutor.

– Mas, tio, o meu bloco é muito alto, eu não consigo ver o passarinho.

– Então eu teria um cuidado mais especial para não matar o bicho, se fosse você.

Ney notou o desnivelamento do rapaz em relação aos outros competidores e, antes de sair em sua defesa, percebeu que fora ele e uma moça ao seu lado, os outros três participantes estavam em desvantagem, já que os blocos à sua frente não ofereciam o mínimo da visualização necessária para que desfrutassem da brincadeira.

Percebendo que não daria para se divertir, o rapaz baixinho quis desistir, mas reconsiderou ao ouvir falar das letrinhas pequenas pela sétima vez no dia – havia punições para essa desistência. A partida foi iniciada.

Ney e a garota alta, cujos olhares ainda alcançavam bem o pássaro mesmo quando os obstáculos alcançavam a altura máxima, mediam com cautela a trajetória do voo para tentarem lançar a pedra num tracejo sutil de arco para que encostassem com delicadeza na ave.

O menino, já bravo e sem ter conseguido ver nem mesmo a cor do animal, tacou sua pedra com força para frente sem olhar para o que estava fazendo. Do alto de sua irritação, fez com que a pedra se imprensasse com força no corpo do pássaro que, sem pios, morreu na hora, fazendo com que a rodada acabasse naquele instante.

Atônito pelo que acabara de fazer, saiu correndo e chorando do brinquedo, mas foi impedido de continuar pelos seguranças, que o levaram até a cabina que resolvia pendências de frequentadores quanto a danos cometidos ao parque. Ficaria suspenso de qualquer atividade até que seus pais ressarcissem o custo da próxima ave, que foi imediatamente repostada pelo instrutor do Bikuda para que a fila pudesse andar.

Ney, que ficou muito tempo na fila para nada, tentou se manter calmo. Ao menos já estava seco e preparado para voltar aos brinquedos mais radicais. Foi então que, após uma caminhada curta e ansiosa, chegou ao carro-chefe do parque, a montanha-russa, uma das mais sinuosas da América Latina.

Gangarre

Ela dava enjoo só de ver. Havia pelo menos sete torções que viravam o corpo de ponta cabeça, fora os metros cobertos por um revestimento que parecia pedra – bem no topo da montanha-russa – que fazia todos se perguntarem que tipo de movimentos aconteciam ali.

Tudo que sabiam era que lá o vagão se demorava mais de um minuto antes de continuar a rota.

Ney avançou ansioso para a atração mais movimentada do parque. Na sua vez, acomodou-se na ponta traseira e começou a rota. No terceiro *looping*, a cabeça doeu e ele notou que definitivamente a Gangarre não seria seu brinquedo favorito. Ao menos estava se aproximando da parte escondida. Ao adentrarem a caverna, o brinquedo foi desacelerando até estacionar completamente. Depois de 10 segundos parado, a Gangarre começou a desequilibrar-se para frente e depois para trás, como se estivesse no topo de algo menor do que sua extensão e caísse para trás e para frente em um movimento delicado e imprevisível. Quando o público já se acostumava ao escuro, ao silêncio e ao movimento sinuoso, a voz de um novo instrutor declarou em paz:

– Pois bem, aqui acaba a primeira parte da nossa trajetória. Para ela ficar completa, preciso contar com a colaboração de todos.

“O brinquedo quebrou?”, “Isso é uma piada?”, “Já chamaram os bombeiros?”, se desesperaram alguns usuários. Com menos paciência, o instrutor gritou:

– Silêncio! Não há nada de errado com a Gangarre. Esse é o procedimento da casa, norma que consta no convite de todos vocês, num espaço que não posso mostrar agora por falta de iluminação. Para os que não prestaram atenção aos dizeres, a regra é a seguinte: eu tocarei algum de vocês, e quem eu encostar deverá reagir dizendo imediatamente um número de 1 a 25. Cada número representa um de vocês. O escolhido por quem eu tocar terá que ser despejado da montanha-russa para que possamos ir até o fim.

Os usuários protestaram e gritaram por algum tempo até que o instrutor, possivelmente habituado aquilo tudo, retomou a fala, explicando que a única maneira do brinquedo continuar era dispensando um usuário. Do modo contrário, todos ficariam ali gingando para sempre. Desesperados e impotentes, os usuários finalmente cederam ao toque mortal do instrutor. Ouviu-se o grito choroso de um rapaz que disse “dezessete”, o número exato de Ney, que, antes de gritar pedindo pela sua vida e dizendo sua idade, seus planos e por que não deveria ser jogado do brinquedo, sentiu o puxão fatal no seu rosto. “Então é isso, então é assim? Além de ter que morrer aqui, ele ainda vai me puxar pela cara, como se eu fosse uma galinha indo pro abate?”.

Sentiu novamente o puxão, como se o instrutor não tivesse conseguido removê-lo do brinquedo nesta primeira vez.

Clarão.

À sua frente, o pior brinquedo de todos.

Realidade

Jonas ria sem parar. A garganta já doía de tanto observar e gargalhar diante das reações de Ney – um Ney choroso e pequeno que aguardava passar o pânico para meter a mão no irmão. “Eu não acredito que você fez isso comigo”, conseguiu esboçar.

– Eu nunca mais quero brincar com essa droga, Jonas! – disse o menino, estendendo os óculos de realidade virtual ao irmão e apagando do seu celular o aplicativo elaborado por ele, que estava envolvido com a

indústria de games há sete anos e acabava de desenvolver seu primeiro jogo 100% autoral.

– Pra que esse drama, menino? Eu não disse que era só um aperitivo do que a gente ia viver hoje? Agora vamos, a entrada do parque é por ali.

– Eu não vou!

– Ney, eu paguei mais de R\$200 nos nossos ingressos. Se você arregar agora, eu juro que te levo à força e te joga lá de cima da roda gigante, que nem o Instrutor – e gargalhou novamente.

– Não era uma roda gigante, idiota. Você nem sabe o que fez. Era uma montanha-russa. Uma montanha-russa ridícula, muito malfeita. Cara, eu fiquei circulando pelo estacionamento esse tempo todo?

– Sim. Eu te dava um empurrãozinho de vez em quando para você não trombar nas coisas, mas foi praticamente tudo por sua conta.

– Você é ridículo.

– Esse jogo é genial, não é?

– Esse jogo me fez perder toda vontade de entrar no parque.

– Para de bobagem. Vai por mim: nesse parque você vai ter a experiência mais distante possível de tudo que rolou aí na Terra de Enurese.

– O que é enurese?

– Pesquisa, ué.

– Mas eu estou te perguntando.

– Você quer tudo na mão. Daqui a pouco vai me perguntar para que serve esse jogo.

- Sim, eu também quero saber isso.
- Tenta entender, ué. Para que serve esse jogo?
- Eu não sei, cara. Você não pode me ajudar?
- Não, eu não sou um Instrutor.
- Está se comportando como um.
- É, acho que você está começando a entender o jogo.
- Por quê?
- Se vira, rapaz.

Ney abandonou a desistência e os irmãos foram em direção à entrada do parque. Funcionários destacaram o ingresso de Ney e ele entrou no parque. Via cada brinquedo como se jamais tivesse visto Enurese, mas este outro parque deu fim à sua ingenuidade – era inevitável pensar a respeito dele.

Enquanto novas compreensões começavam a se instalar em seu corpo, percebeu que a Terra de Enurese não era mesmo um lugar, mas sim uma lógica.

Milk-shake de amora

JOÃO PAULO HERGESEL

Os dedos dançavam um cossaco destrambelhado pela tela do celular quando o sol mandou um feixe de luz estratégico. Numa lasca de segundo, deslizou na direção da câmera frontal e replicou em arco-íris pelo rosto de Nádía. Uma contração involuntária tentou proteger os olhos, que se desviaram para ver de quem vinha a voz.

– É um espectro.

– Tá me chamando de fantasma?

– Não. Um espectro ótico. Quando a luz branca bate no vidro polido, ela se reparte em cores. É física.

– Falou o Albert Einstein.

– Foi Isaac Newton, na verdade.

O garoto talvez ainda não houvesse chegado à época da vacina antitetânica. Ou talvez já fosse um recém-debutante. Os pelos de um futuro bigode, que se esforçavam para sair da derme, denunciavam sua puberdade em auge, mas não entregavam a idade exata.

A menina ficou admirando-o por três segundos vírgula quatorze centésimos. Parecia tentar encontrar nele o valor finito de pi. Mas os cálculos do olhar se traduziram em verbalização quando ele explicou quem era.

– Yuri. Da sala ao lado.

Claramente havia algum desvio de informações: o sorriso que fazia Nádía se esquecer de responder às mensagens que chegavam se atropelando com a vibração do celular não podia pertencer ao mesmo cara impopular que ela evitava pelos corredores do colégio.

– Yuri – ele repetia. – Como o do russo Gagarin, primeiro homem a ir ao espaço. Ou o de outro russo, Lotman, estudioso das linguagens e da literatura.

A Rússia completa, com seus 17 milhões de quilômetros quadrados, despencou sobre a cabeça de Nádia. Sem o uniforme, sem os livros, sem a atmosfera escolar, algo interessante despertava em Yuri. Talvez, apenas em uma pincelada de talvez, fosse justo cumprimentar.

– Oi. Nádia.

– Eu sei. Você tá andando sozinha?

A resposta não saiu da boca, mas do banheiro masculino. Victor enrolou a namorada em um abraço e a levou para longe dali, rompendo qualquer possibilidade de despedida ou chance de aproximação.

– Por que nem visualizou minhas mensagens?

– Por que você me manda mensagens quando tá no banheiro?

– Não consigo ficar longe de você.

O beijo que veio em seguida foi para marcar o início dos 78 minutos que o casal passaria na fila da montanha-russa.

O cabelo de Yuri não gostava de andar espetado. Os ombros de Yuri não gostavam de ficar à mostra. As pernas de Yuri não gostavam de tomar sol. Mas se a pomada modeladora se unia à camiseta sem mangas e à bermuda naquele dia, era por que Nádia precisava perceber que, por baixo da lona *nerd*, um coração fazia malabarismos.

– Esquece a mina. Ela não é pra você.

– Se eu tivesse pelo menos 1% da popularidade que aquele Victor tem, eu teria meu futuro garantido.

– Se o Victor tivesse pelo menos 1% da inteligência que você tem, ele é que teria o futuro garantido.

Pombo era o melhor amigo. Ninguém sabia ao certo o porquê do apelido, pois, quando chegou à escola, já arrulhava esse codinome. Mas ele tinha certeza de sua missão: ajudar Yuri a beijar pela primeira vez.

– Você já tem 15 anos e não deu nem um selinho ainda.

– Ah, tô esperando a garota certa. Eu acho.

– Ei, essas coisas você não espera; você vai à procura.

Eles já haviam conversado sobre isso: se iriam a um parque de diversões, com direito a balada no fim do dia, Yuri trocava salivas com alguém. Ou seria Pombo mesmo que meteria o bico nos lábios do amigo, honrando a bissexualidade que mantinha sob discrição.

– Tá bem. E o que você me sugere?

– Beijo depois do sorvete. Fica mais geladinho e...

– O que você sugere que eu faça para ficar com alguém?!

Na mentalidade de Pombo era bastante simples: bastaria visualizar a pessoa em que se tem interesse, chegar até ela e perguntar se ela também se interessa. Se sim, sim; se não, era só ir atrás de algum sim.

Mas pela inexperiência de Yuri, o amigo achou melhor romantizar a cena e voaram até a roda-gigante. Uma troca de saliva nas alturas poderia ter um significado especial.

Tábata e Lúcia eram amigas de Sirena, mas achavam esquisito o interesse dela pelos brinquedos aquáticos. Passear de boia pelo rio artificial e se chocar contra a água em um trenzinho pareciam atrações para crianças; as três não haviam se metido em uma excursão vinda do litoral para perder tempo com essas atividades. Mas Sirena soava totalmente eufórica com a ideia de se molhar.

– Nessa você vai sozinha, amiga.

– A gente espera você perto da barraquinha de algodão-doce.

Tábata bamboleava em paradoxos: julgava infantilidades e listava montes de dietas, mas não abria mão das guloseimas. Sirena consentiu, decidindo usar os cachos louros para arrumar amizade na fila.

– Ué, você já tá molhado antes de andar no brinquedo?

Yuri enrubesceu. Espatifar-se numa piscina era a estratégia encontrada para evitar o acidente que lhe encharcou a bermuda na rodagem-gigante. Não conhecia seu lado acrofóbico, nem imaginava que o medo de altura lhe faria perder o controle da urina.

– O idiota sentou na grama úmida.

A desculpa de Pombo colou. Yuri sentiu que devia a seu salva-vidas uma diária no parque aquático nas férias de dezembro. Duas diárias: Pombo lhe dizia, de forma telepática, que a menina deveria estar a fim dele, que não iniciaria a conversa à toa. Yuri tentou engatar o papo:

– Você vem sempre aqui?

A pergunta afogou as possibilidades de investida. Pombo precisou assumir a situação.

– Ele quer saber, na verdade, se você é daqui mesmo, da cidade.

– Não sou. Moro na praia.

– Tecnicamente... – Yuri interrompeu. – Você mora em uma cidade litorânea. Só moraria na praia se fosse um crustáceo.

O desconforto de Sirena era visível nos cachos que se encrespavam.

– Ou uma sereia – Pombo corrigia. – Você poderia ser uma sereia.

– Sereia? – ela ria. – Serei A, serei B, serei C, serei o alfabeto todo se quiser. Mas metade peixe é forçar a barra.

– Você tem algo contra os animais? – brincou Pombo, pouco antes de se apresentar.

Os dois seguiram conversando e Yuri ficou na frente, como um peixe fora d'água. Quando a vez do trio chegou, ele se virou para saber se Pombo preferia o carrinho da frente ou mais para o fundo. Mas o amigo já estava se molhando nos lábios macios de Sirena.

A primeira a avistar o garoto bonito foi Tábata, mas foi Lúcia quem deu a ideia de chegarem juntas até ele. Seria mais adequado que ele escolhesse qual das duas poderia lhe ser uma companhia do que as amigas duelarem entre si por causa de homem.

– Oi... A gente tava ali vendo você e pensando...

– Prefere uva ou limão?

As meninas chupavam picolé dos referidos sabores e faziam a oferta ao jovem. Ele sorriu e coçou a cabeça, alegando ser uma difícil decisão: poderia dar uma mordida no de limão e uma lambidinha no de uva, sem preconceito com as cítricas.

– E se eu falar que sou fã de salada de fruta?

Somando superior e inferior, seis lábios se colidiram num encontro pouco convencional e de encaixe tortuoso. Os sorvetes escorriam derretidos pelos dedos das garotas, que congelaram com o berro responsável pela interrupção do beijo triplo.

– Que palhaçada é essa, Victor?!

Nada justificaria a cena vista por Nádia, que serviu de justificativa para a decisão de esbofetear o rosto do namorado traidor. A dupla feminina achou melhor sair de mansinho e deixar que o casal se deleitasse a sós com crise.

Sirena curti Pombo, que gostava de Yuri, que se encantava por Nádia, que era apaixonada por Victor, que queria Tábata e Lúcia, que não amavam ninguém. E nesse falsete de quadrilha nada drummondiana, o sol se punha.

Nas mãos fechadas em punho, Nádia concentrava sua força de vontade em não derramar lágrimas, mas a falta que iria sentir do cafajeste que lhe havia colocado uma aliança prateada no dedo era muita.

Poucos metros de distância, Yuri avistou a razão de seu amor platônico isolada e deu um toque para Pombo. Ao tocar o ombro de Nádia, recebeu um “sai daqui” ao qual teve coragem de não obedecer.

– Posso ser seu amigo, pelo menos agora?

– Você não liga. Mal me conhece.

Ele ligava e bem conhecia. Havia passado os últimos anos preenchendo seus olhos com a figura da garota quando possível; e, quando não, a memória cumpria a missão de projetar na mente tal imagem – em movimento, de diferentes ângulos, com sonorização e efeito tridimensional.

– Foi o Vitor – ela revelou, rendendo-se à necessidade do desabafo.

– Ele tava beijando outras meninas.

Era constrangedor para Yuri saber que outros caras tinham tanta facilidade para trocar salivas com as garotas, enquanto ele continuava com os lábios sem serem tocados, a não ser pelo próprio braço, nos treinos que fazia escondido antes de dormir.

Por outro lado, a traição de Victor expandia o nível de esperança em Yuri. Fragilizada, Nádia podia se entregar àquele que lhe fosse gentil ou querer uma vingança, beijando o primeiro humano do sexo masculino que lhe passasse na frente. Yuri era macho e cheio de gentilezas, serviria para o papel.

Equilibrando contentamento e compaixão, o garoto poupou as palavras e optou apenas por se sentar ali, ao lado, como um cão que acompanha o dono entristecido. Nádia também se juntou à mudez, mas não recusou o consolo; encostou sua cabeça no ombro dele e deixou que o

choro fizesse o que teria que fazer. E os dedos de Yuri afagavam a face afogada em lágrimas.

Ele ainda tinha um par de ingressos para o túnel do amor.

As gargalhadas loucas de Tábata e as caretas efusivas de Lúcia despertaram a curiosidade intrigada de Sirena. Era muito abstrato adjetivado para ficar sem explicação. E as amigas, que não tinham motivo para esconder, contaram a aventura de meio segundo que prometia ser história para uma vida e meia.

Antes que os cachos louros se arrepiassem num comentário mesclando nojo e admiração negativa, Sirena percebeu que um rapaz corria na direção delas. Não deu tempo de perguntar se era arrastão.

– Oi, Victor – Lúcia arrastou o “r” sem muito entusiasmo.

– Será que a gente podia conversar sobre o que aconteceu?

Tábata foi esperta e se aproveitou do banheiro mais próximo. Entrou puxando Sirena junto. Lúcia ficou sozinha com o gato e um novelo cheio de nós impossíveis de serem desatados.

– Não aconteceu nada – ela tentou concluir.

A insistência de Victor, no entanto, era maior. Eles poderiam pelo menos trocar os telefones e, quem sabe, algumas fotos secretas depois. Ele havia prejudicado o namoro por causa dela, afinal de contas.

– Não tenho culpa – Lúcia desembuchava – se você quis botar chifres na sua namorada.

Uma galera gritou no *looping* ali perto.

– Eu nem gosto de garotos – ela matou o touro.

– Você tá ficando doida? Por que me puxou pra cá?

O desnorтеio de Sirena se transformava em raiva. Mas Tábata tentou explicar: era o tal menino do beijo triplo. A amiga somente balançou a cabeça para os lados, sem demonstrar se concordava com a fuga ou se julgava a situação como motivo para prisão perpétua.

– Meninas?

A voz foi reconhecida pelos ouvidos de mar. Sirena sentiu na ponta da língua o sabor da língua de Pombo assim que assimilou a vibração das palavras.

– O que você tá fazendo aqui? – ela perguntou abobalhada.

– O que vocês estão fazendo aqui? – ele devolveu a pergunta.

Elas olharam em volta. Os mictórios pareciam acenar.

– Vocês estão no banheiro masculino – ele riu.

Para evitar que algum segurança entrasse ali para arrancá-las à força, os três decidiram continuar a conversa na lanchonete.

Na lanchonete, Nádía e Yuri assistiam à chegada da Lua em quarto-crescente, que se posicionava estrategicamente sobre o chapéu mexicano. *Sombbrero* prateado que girava em sentido anti-horário.

– Acho que eu vomito se for ali – ela confessou, já sem soluços.

– Ainda mais depois de tomar esse milk-shake de amora – ele refrescou, como se as piadas fossem a solução.

O duo adolescente conversava sobre fases lunares e frutas vermelhas. E eles se davam muito bem. E se davam muito. E se davam bem. E se davam. E se. E se Yuri aproximasse os lábios só um pouquinho dos dela, podia sentir o aroma da amora, queria saber o sabor do sorvete.

– Qual é o gosto do seu mesmo? – ela perguntou.

– Doce de leite. Quer provar?

Ela inclinou a cabeça para que o canudinho se encaixasse entre os dentes e sugou um gole.

– Uau, é bem doce.

Ele consentiu com um sorriso no canto da boca. Ela replicou com um olhar úmido. Ficaram se encarando para ver quem tomaria a coragem primeiro.

O coração de Yuri ia se agitando, como num milk-shake de emoções. Vontade de perder o BV. Desejo de beijar a Nádía. Ansiedade em saber como é ter outra boca dentro da sua. Animação em poder contar tudo para o Pombo depois. Medo de alguma coisa dar errado. Mas controle, controle por saber que a biologia juvenil se encarregaria de guiá-lo nesse momento.

Os lábios foram se conhecendo devagar: a pele dele, sem cosméticos, sentiu a cremosidade do *gloss* de cereja dela; lambuzaram-se suavemente; a umidade da boca dela se conectou ao frescor da boca dele; e em movimentos delicados, um beijo molhado, gelado e docinho se concretizou.

Lúcia tinha conseguido se reencontrar com Tábata e Sirena, que estavam na companhia de Pombo, quando se dirigiam à lanchonete. O combinado era que o local serviria de ponto de encontro para os excursionistas. De longe, Sirena viu o fenômeno que acontecia na mesa 26 e comentou:

– Pombo, aquele não é seu amigo *nerd*?

Tábata também tinha o que comentar:

– Lúcia, aquela não é a chifruda?

Os quatro ficaram admirando a cena em silêncio.

– Beijo depois do sorvete – Pombo descreveu. – Do jeito que eu sugeri.

– Você ensina para os outros e não faz comigo? – Sirena ousou.

O casal improvisado deu um beijo de despedida; dali a poucos minutos, ela voltaria ao litoral, e ele ficaria a ver navios. A atmosfera de romantismo despertou a coragem de Lúcia, que se assumiu para Tábata.

– Tudo bem pra você?

– É você que tem que estar bem – a amiga tranquilizou. – Não é isso que vai mudar nossa irmandade, sua boba!

Aos poucos, os brinquedos foram se desligando, um a um, e os alto-falantes tocaram o hino do parque, anunciando seu fechamento. Yuri e Nádia estavam em ônibus separados, eram de turmas diferentes.

– A gente se encontra amanhã... No colégio?

Ela se manteve em silêncio e subiu no veículo. Victor já estava à sua espera e à espera de seu perdão. Nádia não teria por que recursar, já que estavam quites. Yuri poderia seguir para a *friendzone*.

Obra confeccionada com exclusividade para a
Editora Jogo de Palavras, em abril de 2018.